



II SEMINÁRIO DE PESQUISA DO GRUPO DE PESQUISA ARTE, RELIGIÃO E MEMÓRIA

ANAIS DO II SEMINÁRIO DE PESQUISA DO GRUPO ARTE, RELIGIÃO E MEMÓRIA- ARTEMI

19 DE JANEIRO
2023
09H00 ÀS 18H00
Auditório da Reitoria/UEPA

**Arte, mística e espiritualidades
em tempos de pandemia**



UEPA/CCSE - R. do Una, 156- Telégrafo, Belém-PA.



Universidade do Estado do Pará

Reitor

Clay Anderson Nunes Chagas

Vice-Reitor

Ilma Pastana Ferreira

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPESP)

Jofre Jacob da Silva Freitas

Pró-Reitora de Graduação (PROGRAD)

Edinalvo Apóstolo Campos

Pró-Reitora de Extensão (PROEX)

Vera Regina da Cunha Menezes Palácios

Pró-Reitor de Gestão e Planejamento (PROGESP)

Carlos José Capela Bispo

Diretor do Centro de Ciências Sociais e Educação (CCSE)

Anderson Madson Oliveira Maia

Líderes do Grupo de Pesquisa Arte, Religião e Memória (ARTEMI)

Maria Roseli Sousa Santos

Gustavo Soldati Reis

Coordenador da Editora da UEPA (EDUEPA)

Nilson Bezerra Neto

Organizadores dos Anais

Maria Roseli Sousa Santos

Gustavo Soldati Reis

Comissão Científica

Maria Roseli Sousa Santos

Gustavo Soldati Reis

Vanja Bezerra

Mariana Ximenes

Equipe de revisão

Gustavo Soldati

Mariana Ximenes

Eduépa

Secretaria

Dayanne Ferreira da Silva

Luiz Henrique Patrício Xavier

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Editora da UEPA – EDUEPA

S471 Seminário de Pesquisa do Grupo de Pesquisa Arte, Religião e Memória (2 : 2023 : Belém, PA)

Anais do II Seminário de Pesquisa do Grupo de Pesquisa Arte, Religião e Memória - ARTEMI: arte, mística e espiritualidades em tempos de pandemia, 19 de janeiro de 2023 / Maria Roseli Sousa Santos ; Gustavo Soldati Reis (Orgs). — Belém : EDUEPA, 2023.
85 p.: il.

ISBN: 978-65-88106-50-1

Realização: Grupo de Pesquisa Arte, Religião e Memória (ARTEMI) / Centro de Ciências Sociais e Educação (CCSE) / Universidade do Estado do Pará (UEPA).

1. Universidade do Estado do Pará. 2. Seminário Científico. 3. Pesquisa Científica. 4. Arte. 5. Religião. 6. Memória. I. Santos, Maria Roseli Sousa. II. Reis, Gustavo Soldati. III. Título.

CDD 291.17 - 22.ed.

Ficha Catalográfica: Rosilene Rocha CRB-2/1134

SUMÁRIO

Apresentação

Profa. Dr^a. Maria Roseli Sousa Santos e Prof. Dr. Gustavo Soldati Reis

ESPIRITUALIDADES E SAÚDE MENTAL EM TEMPOS PANDÊMICOS

Prof. Dr. Lucivaldo da Silva Araújo (Palestra de Encerramento)

Comunicações Orais

Linhas: ARTE, CORPO, MEMÓRIA E IMAGINÁRIO RELIGIOSO e
LINGUAGENS DA RELIGIÃO E CULTURA POP

1 - MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS DE DONA MARIA NATALINA UMA SACERDOTISA DE UMBANDA DE BELÉM (PA)

Diogo Jorge De Melo

Ana Cristina Silva Souza

Ramon Augusto Teobaldo Alcantara

2 - MULHERES AMAZÔNIDAS QUE PÕEM AS CARTAS NA MESA: ESPIRITUALIDADE, ORÁCULO E FEMININO EM CENÁRIO PÓS-PANDÊMICO, BELÉM, PARÁ

Dayane Ferreira da Silva

Maria Roseli Sousa Santos

3 - A SIMBÓLICA DOS VITRAIS DA SÉ EM BELÉM DO PARÁ

Denilson Marques dos Santos

Denise Marques dos Santos

Ilma Freitas dos Santos

4 - CÍRIO DE NAZARÉ DE BELÉM-PA E A PANDEMIA DE COVID-19: ENTRE O CANCELAMENTO OFICIAL E REALIZAÇÃO POPULAR

Mariana Ximenes

5 - RELIGIÃO E RITOS FÚNEBRES: UM OLHAR A PARTIR DO CURTA METRAGEM MULHERES CHORADEIRAS

Dilma Damasceno de Jesus

6 - CAUSOS, VISAGENS E ENCANTARIAS - O CASO DAS APARIÇÕES NA ILHA DE COTIJUBA, PARÁ

Raqueline Brito da Cruz

7 - O REIKI: COMPLEXO DE TERAPIAS HOLÍSTICAS E CONCEITOS DENTRO DA ESPIRITUALIDADE DA NOVA ERA

Jackline Karla Reis dos Reis

8 - RITUAIS RELIGIOSOS FAMILIARES E HISTÓRIAS DE VIDA EM CENÁRIO PANDÊMICO

Thayanara de Souza Duarte

Fernando Adlly Kauffmann Negrão

Maria Roseli Sousa Santos

Mariana Ximenes

9 - MUROS SAGRADOS: EXPRESSÕES SAGRADAS NOS GRAFITES DA CIDADE DE BELÉM-PA

Luiz Henrique Patrício Xavier

10 - ESPIRITUALIDADES ECOLÓGICAS E AMBIENTALISMOS: APROPRIAÇÃO DOS SABERES TRADICIONAIS EM PRÁTICAS DE SACRALIZAÇÃO DA NATUREZA

Jessias de Freitas Fernandes Neto

Daniela Cordovil Corrêa dos Santos

11 - O QUE RESTOU DO SER? UMA ANÁLISE SOBRE O PERÍODO PÓS PANDÊMICO A PARTIR DA ÓTICA DE BYUNG-CHUL HAN

Daniela Pereira Corrêa

12 - RELIGIÃO E LITERATURA EM DIÁLOGO NO “CHAMADO DE CTHULHU”, DE H. P. LOVECRAFT

Hirlan Hermes Monteiro da Costa

Apresentação

Prezadas leitoras e leitores, temos a honra de compartilhar os Anais do II Seminário do Grupo de Pesquisa Arte, Religião e Memória. O grupo foi criado em abril de 2013 e certificado no Diretório do CNPq em 2015 e desenvolve pesquisas na área das Ciências da Religião articulando o tripé educacional: Ensino, Pesquisa e Extensão. Atua com diversos projetos em andamento que tratam de temas voltados para a cultura visual; simbolismo na religião e performance; saberes culturais, festas; paganismo contemporâneo; oralidade e sacralidade da terra.

O tema do Seminário foi pensado a partir de uma questão norteadora: o que significa refletir os múltiplos sentidos da vida a partir de uma experiência histórica recente, caso da pandemia da Covid-19, que parece amplificar justamente o contrário, ou seja, a experiência do absurdo da dor e do sem sentido? Para começar as possibilidades de respostas, nada melhor do que continuar a realizar a razão de ser do Grupo, qual seja, criar interfaces, diálogos entre experiências práticas e de pensamento entre arte, religião e espiritualidades. Assim, no dia dezoito de janeiro de 2023, o Grupo de Pesquisa reuniu-se em um evento presencial, na Universidade do Estado do Pará, em Belém, quase três anos após deflagrada a crise da Pandemia. Certamente foi um momento muito enriquecedor e de reconhecimento de pluralidades de saberes onde ficou constatado, em várias falas, a importância da arte e de práticas de espiritualidades como indutoras de suporte e vivências de ressignificações existenciais em meio aos dramas e impactos na saúde física e mental de nós que ainda vivenciamos consequências de um período histórico que marcou-nos irremediavelmente. Testemunho maior disso é o texto que abre esses Anais, fruto da palestra de encerramento proferida pelo Dr. Lucivaldo da Silva Araújo, justamente sobre o impacto de tempos pandêmicas em nossa saúde mental e o diálogo com espiritualidades diversas.

A fim de reafirmar nosso compromisso público com a pesquisa e divulgação científica, o texto que as leitoras e leitores tem em mãos reúne um conjunto de comunicações acadêmicas apresentadas por pesquisadores e pesquisadoras, sejam estudantes de graduação, sejam estudantes de pós-graduação o que nos deixa muito felizes ao acompanhar a desenvoltura de nossos jovens pesquisadores e pesquisadoras em sua criatividade epistêmica, metodológica e com uma incrível diversidade temática, em parceria com pesquisadoras e pesquisadores de outras Instituições parceiras. Nesse sentido, os Anais está organizado em duas partes que mostram Linhas de Pesquisa do ARTEMI: Arte, Corpo, Memória e Imaginário Religioso e a Linha Religião e Cultura Pop. As diferentes propostas de comunicações, que aqui são apresentadas através de seus resumos expandidos, procuram abarcar a dimensão mais ampla das relações entre arte, religião e espiritualidades, dentre as quais algumas focam diretamente no tema do Seminário ao fazer a relação com o período da Pandemia. Entendemos que o Grupo deve criar justamente isso: espaços de socialização, debate e divulgação de diferentes pesquisas em curso que, mesmo que não toquem diretamente no tema do Seminário, são profundamente bem-vindas no espírito de diálogo e reconhecimento das diferenças que anima o Grupo de Pesquisa.

Por fim, mas não menos importante: nem todos os textos que foram apresentados no II Seminário puderam estar presentes nesses Anais. De toda forma agradecemos, imensamente, a participação de todas e todos, por exemplo, a profa. Msc. Yandra Galuppo que nos proferiu uma linda palestra de abertura com uma performance artística enriquecedora sobre as relações entre arte, memória e ancestralidade. Também agradecemos aos nossos e nossas queridas estudantes, membros mais experientes e a nova turma que chega ao ARTEMI que, por sua vez, compuseram a equipe de organização deste Seminário. De fato, o dia do evento foi a partilha de vivências e vozes artísticas e, porque não dizer, espirituais, sobre como construir relações e reinvenções existenciais em um período histórico decisivo como foi o da pandemia. Assim, desejamos que esses Anais permaneçam como testemunho material e concreto das memórias e afetos vividos no campo da pesquisa acadêmica realizadas pelo ARTEMI. Que venham novos eventos e novos textos.

Um cordial abraço!
Profas. Maria Roseli Sousa Santos e Gustavo Soldati Reis
Líderes do ARTEMI

Palestra:

ESPIRITUALIDADES E SAÚDE MENTAL EM TEMPOS PANDÊMICOS

Prof. Dr. Lucivaldo da Silva Araújo
(Departamento de Terapia Ocupacional - UEPA)
lucivaldoaraujo@uepa.br

RESUMO:

Este resumo trata de um breve ensaio sobre alguns enlaces entre espiritualidade e saúde mental sob uma perspectiva que se lança a partir de acontecimentos relacionados à pandemia de covid-19. A pandemia teve um impacto significativo na saúde pública, na economia e nas vidas das pessoas que tiveram que lidar com demandas complexas que reverberam ainda nos dias de hoje. Esses acontecimentos incluíram, dentre outras coisas, um aumento de casos de sofrimento mental. A pandemia também levou a uma revisão de valores e prioridades, com muitas pessoas questionando sua vida e o mundo ao seu redor. Isso pode ter provocado a uma busca mais profunda por propósito e significado espiritual. Além disso, destacou a importância de comunidade e solidariedade, valores que estão presentes em muitas tradições espirituais. Nesse cenário, a espiritualidade pode contribuir para uma forma de lidar de maneira mais positiva com as situações que geram angústia e constituir-se como uma fonte que pode ajudar a dar sentido à vida e às experiências de sofrimento que, por sua vez, permitem ao humano crescer interiormente.

PALAVRAS-CHAVE: Espiritualidade; religiosidade; covid-19.

INTRODUÇÃO

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou pandemia de covid-19, uma doença infecciosa causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) que surgiu na China em dezembro de 2019 e se espalhou rapidamente pelo mundo. No Brasil, os primeiros casos foram confirmados em fevereiro de 2020 e, desde então, o país passou a enfrentar uma situação crítica, com altos números de casos e mortes diárias (LEONEL, 2022).

A pandemia teve um impacto significativo na saúde pública, na economia e nas vidas das pessoas que tiveram que lidar com demandas complexas que reverberam ainda nos dias de hoje em várias dimensões da vida cotidiana.

De acordo com o Ministério da Saúde (BRASIL, s.d.), as consequências da pandemia poderiam ser esperadas em quatro “ondas” de acontecimentos. A primeira refere-se à sobrecarga imediata sobre os sistemas de saúde, a segunda está associada à diminuição de recursos na área de saúde para o cuidado com outras condições clínicas agudas, devido ao realocamento de verba para o enfrentamento da pandemia, a terceira teria relação com o impacto da interrupção nos cuidados de saúde de várias doenças crônicas e a quarta inclui o aumento de transtornos mentais.

Em sentido lato, embora o impacto da vivência da pandemia de covid-19 sobre a saúde

mental das pessoas ainda não esteja suficientemente esclarecido, vários estudos têm aditado evidências sobre o crescimento exponencial dos casos de sofrimento mental na população em geral, especialmente entre mulheres e jovens (SANTOMAURO, 2021).

ESPIRITUALIDADES, SAÚDE MENTAL E COVID-19: UMA INCURSÃO

Alguns autores têm sinalizado que uma das formas de enfrentamento dos possíveis “efeitos” negativos à saúde mental desses tempos pandêmicos é a espiritualidade/religiosidade, uma dimensão humana que igualmente passou por transformações em função dos eventos associados à Pandemia (ROSSATO; RIBEIRO; SCORSOLINI-COMIN, 2022).

Esses acontecimentos que incluíram, dentre outras coisas, reclusão, distanciamento, morte, sofrimento, luto, fadiga, sobrecarga, dentre outras coisas, interagiram sobremaneira com as crenças e práticas espirituais de muitas pessoas que se viram imbuídas pela busca de significado e conexão espiritual durante esse período de incertezas, medos e saúde mental fragilizada.

Nesse cenário, a espiritualidade entendida como um conjunto de crenças, valores e práticas que ajudam uma pessoa a estabelecer uma conexão com algo maior do que ela mesma, e que pode incluir uma fé religiosa ou uma ligação com a natureza, com a comunidade ou com um propósito mais elevado, pode constituir-se como uma fonte de consolo, esperança, orientação, ajudando a dar sentido à vida e às experiências de sofrimento geradas pela pandemia (ARAÚJO, 2015; ARAÚJO *et al.*, 2022)

Sobre essa confluência, nos ensina Frankel (2008, p.90) que, “se é que a vida tem sentido, também o sofrimento necessariamente o terá. Afinal de contas o sofrimento faz parte da vida, de alguma forma, da mesma forma que o destino e a morte”.

O neuropsiquiatra austríaco e fundador da terceira escola vienense de psicoterapia, a Logoterapia e Análise Existencial, nos oferece algumas importantes chaves analíticas para a compreensão da busca por sentido diante de situações de sofrimento. Para o autor, que desenvolveu a base de sua teoria a partir das experiências vividas nos campos de concentração nazista da Segunda Guerra Mundial, a existência humana sempre se volta para o futuro e, quando não se pode projetar esse futuro que alimenta a existência, pode-se falar em “existências provisórias”. Frankel cita como exemplo o cenário que se vivia nos campos de concentração onde os encarcerados não podiam prever o fim da guerra e nem se sobreviveriam àquele período. Em analogia, pode-se associar a esse modo de existência, as experiências vividas durante a pandemia de covid-19, quando o modo de vida contemporâneo e cosmopolita entrou

em "suspensão" (idem).

Sem amanhã, o existente depara-se com sua própria finitude, pois, "a pessoa cuja situação não permite prever o final de uma forma provisória de existência, também não consegue viver em função de um alvo" (FRANKEL, 2008, p. 94).

Apesar da noção de finitude, em Frankel, derivar do vocábulo latino *finis*, que significa fim e meta, tem-se por parte de Heidegger (2017), um apontamento que adita ao termo o resgate de seu sentido grego em que essa ideia de "limite ou fim" possui um caráter positivo, de modo que o "limite não é aquilo onde algo acaba, nada negativo, mas sim onde começa, pelo qual é limitado em sua forma" (p. 188).

Nesse sentido, tem-se finitude como horizonte de compreensão no qual o humano capta o sentido das coisas, o sentido último que é o sentido da totalidade (BELLO, 2004), o que permite dizer que são experiências como aquelas vividas durante a pandemia de covid-19, de extrema dificuldade e sofrimento, que permitem ao humano, deparando-se com o seu próprio limite, compreender-se a si mesmo e crescer interiormente para além de sua interioridade (FRANKEL, 2008).

Algumas religiões e tradições espirituais também foram significativamente afetadas pela interrupção de rituais e reuniões em grupo por ocasião da Pandemia de covid-19, o que levou a uma mudança na forma como as pessoas praticam sua fé. Por outro lado, a pandemia também levou a uma revisão de valores e prioridades, com muitas pessoas questionando sua vida e o mundo ao seu redor. Isso pode ter provocado a uma busca mais profunda por propósito e significado espiritual. Além disso, a pandemia também destacou a importância das relações comunitárias e da solidariedade, valores que estão presentes em muitas tradições espirituais.

Em vista disso e despeito de tudo, a pandemia da covid-19 tem sido uma oportunidade para as pessoas refletirem sobre suas vidas e suas crenças espirituais, conduzindo a uma busca por significado e conexão mais profunda, o que pode influenciar positivamente na saúde mental dessas pessoas.

Obviamente que essa busca pode se dar por várias vias, religiosas ou não. Mas não se pode negar que as religiões são importantes canais para algumas respostas, para o encontro do sentido e com o transcendente. E respostas nesse campo não requerem materialidade, ou são aceitas ou são negadas, são verdades pessoais baseadas na experiência.

Temas como religião, religiosidade e espiritualidade costumam emergir quando a vida é questionada, nos momentos de ruptura, perdas, terror, ocasiões propícias em que irrompem as indagações sobre o sentido ou a falta dele (ARAÚJO, 2022).

Nesses momentos os sistemas religiosos tendem a ser considerados, seja como fonte de respostas pessoais, seja como via de cuidado. Por esses e outros motivos, pessoas em situações limite costumam buscar apoio em crenças religiosas ou espirituais como forma de lidar com as dificuldades e encontrar conforto (idem).

Em um contexto no qual a vivência do sofrimento tende a acentuar a fragilidade emocional e o temor da morte, as referências religiosas e espirituais podem contribuir para uma forma de lidar de maneira mais positiva com as situações que geram angústia.

Nesse campo, não importa em que ou no que se crê. Pode-se crer, inclusive, que não se crê. A crença é absoluta e indiferente aos apelos da razão. Não necessita de justificativa ou explicação. É um ato de fé que modifica nossa relação com o mundo, com a vida e com a morte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Indagar sobre o sentido da vida é um ato próprio da condição humana. Por que existimos? A existência humana não passa incólume a essa e outras indagações sobre a nossa orfandade original (PRADO, 1999), principalmente quando somos acometidos por acontecimentos tão devastadores como a pandemia de covid-19.

Chegamos a este mundo sem consciência de onde viemos. Deparamo-nos com uma realidade que nos antecede e nos lança em uma jornada cujas referências, apesar daquelas ofertadas pela cultura, família etc., não são suficientes para suprir a tendência humana de busca por respostas sobre si mesmo, sobre o transcendente, sobre o sentido da vida ou do sofrimento.

Nessa jornada estamos sujeitos a nos perder, nos (re)encontrar e também podemos nos deparar com uma potência que vem ao nosso encontro. Talvez seja essa uma das mais belas definições sobre religião: a certeza de que, em algum momento da nossa vida, algo se dirige a nós no caminho (BELLO, 2004).

Van Der Leeuw, pensador holandês, usa a expressão *homo religiosus* para defender a ideia de que todo humano é religioso. Ele chama o ateísmo de religião da fuga, a via daqueles que se esquivam do encontro inevitável com a potência e buscam encontrá-la nas atividades humanas.

A pessoa religiosa, por sua vez, almeja esse encontro, busca essa potência. Essa busca, aditada pelo anseio de redenção, salvação, cura e contato com o transcendente talvez sejam as características que aproximam todas as religiões, o que nos permite valorizar o diálogo inter-religioso. Não à toa, salvação (*heil*), curar (*heilen*) e santo (*heilig*) originam-se do mesmo

radical (BELLO, 2004).

Durante a pandemia de covid-19 que acentuou quadros de sofrimento mental outrora instalados e acometeu muitas pessoas que vieram a desenvolver, especialmente, sintomas de depressão de ansiedade, as espiritualidades e os múltiplos sistemas religiosos estabeleceram-se como vias possíveis de amparo, busca de sentido, encontro consigo mesmo e com a potência que nos encontra pelo caminho.

A potência é inenarrável, é o totalmente Outro, é numinoso, é fascinante, é misterioso e diante dEle ou dEla somos reduzidos ao nada. Diante deste espectro de preenchimento e totalidade, nossa saúde mental, como resultado de um cuidado originário, mesmo nas situações limite que envolvem o sofrimento humano, tende a ser beneficiada.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, L. S.; GOMES, L. R. C. M.; MELO, T. C. P.; COSTA, F. S. Religiosidade, espiritualidade e a vivência do câncer: um estudo fenomenológico. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 30, p. 1-18, 2022.

_____. **Religiosidade e saúde mental: enredos culturais e ecos clínicos**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde Mental e a Pandemia de covid-19**. s/d. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/saude-mental-e-a-pandemia-de-covid-19/>. Acesso: 20 dez 2022.

BELLO, A. A. **Fenomenologia e Ciências Humanas: Psicologia, História e Religião**. Bauru, SP: Edusc, 2004.

FRANKEL, V. E. **Em busca de sentido**. 25. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

HEIDEGGER, M. **Seminários de Zollikon: protocolos, diálogos e cartas**. 3. ed. São Paulo, SP: Escuta, 2017.

LEONEL, F. **Brasil celebra um ano da vacina contra a Covid-19**. 2022. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/brasil-celebra-um-ano-da-vacina-contr-covid-19>

PRADO, A. A arte como experiência religiosa. In: MASSIMI, M.; MAHFOUD, M. (Eds.). **Diante do mistério: Psicologia e senso religioso**. São Paulo: Loyola, 1999, p. 17-32.

ROSSATO, L.; RIBEIRO, B. M. S. S.; SCORSOLINI-COMIN, F. Religiosidade/espiritualidade e saúde na pandemia a de Covid – 19. **Rev. Nufen: Phenom. Interd.** v.14. n. 2, p. 1-13, 2022.

SANTOMAURO, D. Global prevalence and burden of depressive and anxiety disorders in 204 countries and territories in 2020 due to the COVID-19 pandemic. **Lancet**, v. 398, n.6, p. 1700–12, 2021.

Comunicações Orais:

1- MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS DE DONA MARIA NATALINA UMA SACERDOTISA DE UMBANDA EM BELÉM (PA)

Diogo Jorge de Melo, UFPA
diogojmelo@gmail.com

Ana Cristina Silva Souza, UFPA
anacrisweyl@gmail.com

Ramon Augusto Teobaldo Alcantara, UFPA
ramon.alcantara@ica.ufpa.br

RESUMO:

Desde 2021 estamos convivendo e identificando a trajetória sacerdotal de Dona Maria Natalina Santos Costas (1943-) na Umbanda ou Pena e Maracá. Com a pesquisa, identificamos uma trajetória sacerdotal singular, a qual nos auxilia a compreender melhor a realidade das religiões afrodiáspóricas na Amazônia. Atualmente a sacerdotisa realiza suas atividades em casa (Marambaia), mas conta que já teve cerca de 30 filhos de santo. Narra que teve seu chamado espiritual muito nova, o qual a fez se iniciar no Tambor de Mina com Maria Aguiar, reconhecida mãe de santo de Belém. Posteriormente se dedicou a Umbanda e após a morte de seu marido desistiu de sua missão espiritual. Retomando após um incêndio em sua residência, o qual a fez passar uma temporada no Maranhão, sendo cuidada espiritualmente pelo sacerdote Zé Negreiro. Sua experiência de vida tem nos ajudado a entender distintos percursos realizados pelos afroreligiosos na região e como se relacionam com terreiros de grande porte, já que Maria Natalina atua sozinha, como na pajelança cabocla, no entanto, se relacionou com diversos segmentos religiosos afrodiáspóricos.

PALAVRAS-CHAVE: Religião Afrodiáspórica; Amazônia; Biografia, História Oral.

INTRODUÇÃO

Histórias e memórias das religiões afrodiáspóricas ainda são pouco representativas nas pesquisas acadêmicas, ainda sabemos pouco sobre sua diversidade e são relativamente raros os registros acadêmicos em espaços menores e familiares. Assim, demarcações efetivas são feitas preferencialmente em espaços de destaque e notoriedade no meio social, havendo forte apagamento das práticas menores. Com isso, devemos ter a percepção de que pequenos terreiros ou de práticas menores, ou individuais, podem contribuir significativamente para a compreensão destas religiosidades. Reconhecendo que suas trajetórias possuem particularidades próprias que se relacionam com outros terreiros e acabam muitas vezes apresentando aspectos culturais singulares e que muitas vezes estão fadados ao esquecimento.

Trazemos assim a trajetória de uma sacerdotisa afro-amazônica, por meio de sua oralidade e convivências com suas práticas, usando bases metodológicas da Memória Social e

História Oral (BOSI, 1999; MEIHY & HOLANDA, 2007), buscamos entender sua biografia atrelada as suas práticas religiosas. Estamos acompanhando Dona Maria Natalina Santos Costas (1943-) desde meados de 2021, quando tivemos nossos primeiros contatos com ela. Dona Maria mantém seu terreiro, salão de cura, nos fundos de sua residência, onde atende uma restrita comunidade, compostas por familiares, amigos e pessoas do entorno. Hoje com 80 anos, ainda mantém ativa sua missão, fazendo constantemente seções de cura, que denomina ser de Umbanda e às vezes de Pena e Maracá. Nesse período participamos de diversas atividades realizadas em seu salão de cura, assim como realizamos conversas, uma entrevista filmada (16/11/2021) e registramos sua fala durante o I Seminário do Museu Surrupira e do Grupo de Pesquisa Museologia, Memória e Mitopoéticas Amazônicas (29/11/2022)¹.

O objetivo deste trabalho se caracteriza a partir da apresentação das memórias e trajetórias desta sacerdotisa, construídas conjuntamente a nossa convivência com ela e sua comunidade. Compartilhando assim a percepção de Da Rosa (2019) que destaca que trabalhar com memórias de mulheres afrodiáspóricas faz com que o passado deixe “de ser visto nele mesmo” e passe “a ser observado a partir das memórias do presente, que se mantêm vivas nos saberes das mulheres negras, nas lendas e histórias contadas pelos espíritos ancestrais [...] que sobreviveram ao colonialismo” (p.18). Perspectiva presente no trabalho “Narrativas, vivências e experiências museais no Terreiro de Dona Maria Natalina (Belém, PA): na constituição de um discurso feminino afro-amazônida”, focado nas relações étnico-raciais construídas a partir do encontro de duas mulheres negra, pesquisadora e sacerdotisa (SOUZA et al. 2022).

TRAJETÓRIA DE DONA MARIA NATALINA

Em sua trajetória podemos destacar sua passagem pelo Tambor de Mina, tendo sido iniciada por Maria de Nazareth Aguiar (1897-1985), mais conhecida como Maria Aguiar e depois teve sua iniciação na Umbanda, com a alagoana Dona Nevinha. Trajetória que no geral diverge da grande maioria dos afroreligioso, que se iniciam na Umbanda e posteriormente vão para o Tambor de Mina ou Candomblés. Devemos destacar que Maria Aguiar, apesar de ser mencionada como Tambor de Mina, ficou conhecida por trazer o modelo do culto da Umbanda do Rio de Janeiro para Belém na década de 1930, cruzando-a com a Mina-Nagô (AZEVEDO, 2014).

Dona Maria conta que depois de outras manifestações espirituais, ao sair da escola incorporou Dona Herondina, que a levou para ao terreiro de Maria Aguiar. “Ninguém gostava

¹ <https://www.youtube.com/watch?v=v2YApuBWHCE>.

da Dona Maria Aguiar, era muito falada aqui em Belém. Todo mundo dizia que ela era uma grande feiticeira do rasgado. Fui cair no terreiro dela e quem me levou foi Dona Herondina”. Maria Aguiar também ficou conhecida por cuidar de pessoas importantes, como o próprio Magalhães Barata (1888-1959), sem dúvidas teve forte destaque social e ficou marcada no imaginário afroreligioso.

Com seu casamento, Dona Maria resolve se iniciar na Umbanda e passou a ter seu próprio terreiro em casa, contando ter tido cerca de 30 filhos de santo. “*Quando me casei, fui pedir permissão pra ela e foi aí que passei pra Umbanda. Porque ficava ruim pra mim. Casei, tinha minha casa e o marido trabalhava na aeronáutica. Às vezes que ele vinha almoçar e eu tava pro tambor [...]*” (Entrevista 2021). Manteve sua missão até o falecimento de seu marido, quando entrou em um período de desgosto pela religião e resolveu se desfazer de tudo que tinha, doando imagens e queimando um baú com diversos objetos.

Esse negócio de roupa, guia, esses negócios tudo, eu tinha um baú grande. Eu peguei as espadas, tapetes lindos, aquelas guias e botei tudo lá dentro [...] Peguei um litro de gasolina e lavei tudinho. Mamãe chegou e disse “*tá ficando doida né*” e eu falei que não queria conversa e joguei o fósforo. Queimou tudo, quebrando tudo. Aí mamãe disse “*não faz isso minha filha*” e eu falei que o que eu queria saber de agora em diante é que eu sou eu mesma, não tem mais negócio de mãe de santo nem nada, acabou o santo. (Entrevista 2021)

Evento que antecedeu um incêndio em sua residência em que perdeu tudo e associa o fato como consequência do seu ato anterior, já que não deveria ter deixado sua missão dessa forma. Nessa etapa de sua trajetória, Dona Maria pediu auxílio à Maria Aguiar, que a encaminha para o Maranhão a fim de ser cuidada por um sacerdote, o qual nomeia de Zé Negreiro. Em São Luís (MA), no bairro do Turu, foi tratada pelo sacerdote e sua entidade, Seu Légua, os quais fizeram diversos trabalhos para “levantar a sua peia”.

Quando eu estava no Maranhão, na casa do Seu Negreiro, égua, aquele homem trabalhava. Ele recebia o Seu Légua. Seu Légua baixava lá pelas dez horas da noite. Sabe aqueles camburões de cachaça? Ele deixava ao lado dele. Tinha um charuto e um chapéu muito grande. Ele se sentava e atendia o pessoal enquanto bebia cachaça, só cachaça. Pegava aquele botijãozinho e colocava na boca e bebia tudinho. Quando ele terminava umas três horas da manhã, depois de atender muita gente, aí ele dizia - “*olha minha gente, eu já vou me embora, quem tiver energia que não puder ficar dentro do terreiro, vá lá pra fora*” - olha, quando ele se despedia e assoprava aquele vapor daquela cachaça, ficava aquele fumaceiro. Depois que ele ia embora, se você chegasse perto do seu Zé, não sentia nenhum cheiro de cachaça. (Entrevista 2021)

Depois desse tratamento, retornou a Belém e ganhou uma casa nova de seus amigos e clientes, os quais a construíram no local de sua antiga residência. Segundo ela, conforme

previsto por Seu Légua em Zé Negreiro. Assim, retomou as suas atividades sacerdotais em sua nova casa, mantida até os dias atuais e da maneira que estamos presenciando em nossa pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devemos assim destacar que a trajetória de uma sacerdotisa como Dona Maria, tem muito a nos ensinar e desvelar em relação às memórias e os saberes afrodiaspóricos. Trazendo, inclusive, outros protagonismos e fatos de outras personalidades como Maria Aguiar, que apesar de muito conhecida, ainda pouco se sabe sobre sua trajetória, bem como de Dona Nevinha e Zé Negreiro, no Maranhão, os quais não tínhamos conhecimento de sua existência e, provavelmente, poderiam cair na esfera do esquecimento. Suas narrativas e práticas também desvelam aspectos específicos das religiosidades afrodiaspóricas, como a sua descrição sobre Légua Boji Buá ou Dona Herondina. Com isso, destacamos um pouco das memórias de Dona Maria, a registramos e evidenciamos a sua relevância para o conhecimento das religiosidades afro-amazônicas.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Pierre de Aguiar. **Dar passagem à memória:** uma análise da trajetória de Maria Aguiar e sua contribuição sociopolítica para a formação da religiosidade afro-amazônica em Belém do Pará. Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará, 2014.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade – lembrança de velhos.** São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1999.

DA ROSA, Estefânia Jaékel. **O Feitiço da Preta Velha tem (Re)existência de Preta Nova:** uma Etnografia Arqueológica da Materialização do Sagrado Afro-diaspórico na Vida Cotidiana das Periferias de Bagé e Pelotas, RS. Dissertação do Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas, 2019.

MEIHY, J. C. S.; HOLANDA, F. **História Oral:** como fazer, como pensar. São Paulo, SP: Ed. Contexto, 2007.

SOUZA, Ana Cristina Silva; MELO, Diogo Jorge; MONTEIRO, Lidiane da Costa. Narrativas, vivências e experiências museais no Terreiro de Dona Maria Natalina (Belém, PA): na constituição de um discurso feminino afro-amazônica. **Revista da ABPN**, v.14, n. Ed. Especial, p.34-59.

Souza, A. C. S., Melo, D. J. de, & Monteiro, L. da C. (2022). Narrativas, vivências e experiências museais no terreiro de Dona Maria Natalina (Belém, PA): na constituição de um discurso feminino afro-amazônica. **Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN)**, 14(Ed. Especi), 34–59. Recuperado de <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1443>

2- MULHERES AMAZÔNIDAS QUE PÕEM AS CARTAS NA MESA: ESPIRITUALIDADE, ORÁCULO E FEMININO EM CENÁRIO PÓS-PANDEMICO, BELÉM-PARÁ

Dayane Ferreira da Silva
Universidade do Estado do Pará
dayferrie@gmail.com

Maria Roseli Sousa Santos
Universidade do Estado do Pará
mroselisousa@uepa.br

RESUMO:

O presente trabalho trata de estudo sobre a prática oracular de cartomancia realizada por mulheres cartomantes em atuação na cidade de Belém e região metropolitana a considerar as relações que a leitura de cartas possui com as diversas espiritualidades, identidades culturais e religiosas. É uma pesquisa de iniciação científica realizada na Universidade do Estado do Pará onde destacam-se os saberes, as práticas mágico religiosas que se vinculam ao ofício oracular como campo de trabalho. O objetivo principal é analisar o perfil sociocultural das atuantes, suas formas de ofício, como atuam no campo profissional e demais serviços que ofertam considerando as expressões de religiosidade popular no contexto sociocultural amazônico. A metodologia consiste em estudo teórico, revisão literária e estudo da arte, mapeamento sociogeográfico com identificação de seus meios de divulgação, e ainda, realização de entrevistas que permite conhecer o papel social que desempenham em relação a dimensão espiritual. Os resultados esperados vislumbram a visibilidade e contundência expressa nas práticas populares estudadas, tendo como o foco a representatividade feminina e a prática oracular, sem ignorar a existência de um mercado de bens espirituais e religioso diante de um período pandêmico vivenciado entre 2020 a 2022.

PALAVRAS-CHAVE: Cartomancia; Oráculo; Feminino; Mercado de Bens-Religiosos; Amazônia.

INTRODUÇÃO

A cartomancia se caracteriza como prática oracular de relevante significância no cenário de expressões de religiosidades místicas e populares no Brasil. É uma atividade que ocupa no imaginário social, aspectos que entrecruzam vidência, dons divinos e mistérios. A leitura de cartas e o tarô se estabeleceram como assunto de interesse e pesquisa de várias áreas dada sua popularização entre os anos 70 e 80, para além dos interesses esotéricos, é possível encontrar pesquisas em arte, psicologia que tenham o tarô e as cartas como objeto de estudo.

A delimitação desta pesquisa se circunscreve no estudo da prática da cartomancia, bem como na identificação sociocultural e religiosa de suas atuantes, as cartomantes. Isto é, se valendo de estudos como os de Maia (2020) e Del Priore (2014) é possível observar a incidência feminina neste campo, uma área de atuação historicamente realizada por mulheres.

O estudo é uma pesquisa de iniciação científica realizada na Universidade do Estado do Pará -

UEPA e pauta a atuação de cartomantes em território urbano paraense, conjecturando a diversidade cultural própria de sua colonização por portugueses, franceses, espanhóis, italianos entre outros, e destacando primordialmente os povos originários. Portanto, povos, línguas, costumes, formas de organizações sociais, espiritualidades diferenciadas conviveram nem sempre de forma pacífica, porém emergindo as identidades e religiosidades que marcam a história dos povos na amazônicas.

É diante da diversidade de manifestações culturais, que surge os componentes centrais deste trabalho e se concentram nos seguintes temas: oráculo, religiosidade popular em contexto amazônico e a atuação de mulheres neste cenário – a considerar o diálogo entre mercado e a relação de serviços espirituais enquanto ofício. Ao elegermos os aspectos a serem analisados no estudo, o pretendido foi obter dados a partir das entrevistas que acolhem as narrativas com relatos sobre a vida e profissão, considerando a ampla subjetividade das pesquisadas, as possíveis dificuldades enfrentadas pelas mulheres entrevistadas, especialmente à luz do entendimento de que, socialmente, o trabalho realizado por elas sofreu um processo histórico de desvalorização, que deriva da suposição de que estas deveriam estar submetidas ao espaço doméstico e a atividade reprodutiva (FEDERICCI, 2017).

Para dar conta dos temas em estudo, optamos por nos fundamentar teoricamente em autores que tratam do fenômeno religioso como Croato (2001); Eliade (1972), Oro (2010), Sobre oráculo, espiritualidade e mercado com Arroniz (2014), Gomes (2010), Rabelo (1994), Maia (2020); o tema mulheres e identidade amazônica com Pompeu, Silva & Pantoja (2020), Loureiro (1995) e Motta-Maués (1994). Contando ainda com Federici (2017) Priore (2014) e Wissenbauch (2004).

As questões anunciadas consistem na problemática a ser abordada destacando como ocorreu a continuidade destes serviços, durante e pós a pandemia, como foi possível a estas mulheres gerenciar este trabalho caracterizado como trabalho informal e operar a manutenção de suas fontes de renda, considerando estes serviços como pertencentes ao mercado de bens espirituais.

MÉTODOS E PROCESSOS

Sinalizando os objetivos pretendidos, analisar o perfil sociocultural de dez mulheres amazônicas que atuam com cartomancia e/ou tarô no mercado de bens espirituais e religiosos no centro da cidade de Belém e Região Metropolitana, suas formas de ofício, como atuam no campo profissional e demais serviços que ofertam considerando as expressões de religiosidade

popular no contexto sociocultural amazônico.

Os métodos e processos fundamentam-se na pesquisa social e realização de estudo com pesquisa bibliográfica e revisão da literatura sobre o tema, elaborando o estado da arte que consiste em levantamento de pesquisas acadêmicas acerca do tema nos bancos de dados das principais instituições de Graduação e Pós-graduação em Ciências da Religião no Brasil, iniciando pela UEPA, pois permite conhecer o que está sendo produzido na área das Ciências da Religião e áreas afins sobre o tema investigado, em que linhas teóricas se fundamentam, que metodologias adotam e que instrumentos em sido usados.

A pesquisa de campo para registro visual com coleta de cartazes propaganda dos serviços ofertados pelas mulheres iniciou e já indicamos resultados parciais com os dados de mapeamento dos bairros na Região da Marambaia, Bairro do Telégrafo, Bairro do Reduto, Região do Comércio e Cidade Velha, Região Coqueiro e Cidade Nova.

Seguindo as etapas iniciais, acreditamos que este trabalho, mesmo parcialmente, tem produzido dados fundamentais em seu conteúdo, diante do cenário pós pandemia, a considerar que investigamos as mudanças significativas na vida social e espiritual religiosa das mulheres cartomantes envolvidas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao iniciar o mapeamento geográfico que se deu nos bairros da Marambaia e do Telégrafo, de Belém, foi identificado cartazes nas ruas utilizados como meios de divulgação de seus serviços, não somente de cartomancia, mas outras práticas associadas como: trabalhos para “amor”, “negócios” e “saúde”. As pesquisas de campo pelos bairros com observações indicam que em todos os cartazes estão à frente deste ofício mulheres.

Figura 1 - Cartaz afixado em poste de rua no bairro do Telégrafo\ Belém.



Fonte: Acervo da pesquisadora /2022

Figura 2 - Cartaz afixado em poste de rua no bairro da Marambaia\Belém.



Fonte: Acervo da pesquisadora /2022

Marambaia figura 02, evidenciam os temas: amor, negócios, desfeitos de trabalhos –“feitiços”; indicando também trabalhos em geral, assim como os tipos de instrumentos usados na consulta como cartas, tarô e búzios.

CONCLUSÃO

Abordar o tema da prática de cartomancia no território amazônico belenense, se revela, ainda que parcialmente, um estudo denso e diverso, especialmente ao considerar que ainda precisamos alcançar, no contexto abordado, como se deram as práticas de cartomancia vivenciadas durante o período pandêmico por mulheres que realizam trabalho no mercado informal que se circunscrevem por bens espirituais.

Diante dos objetivos propostos e mediante às pesquisas realizadas acerca das literaturas sobre o tema e de pesquisa exploratória de campo em Belém, é possível destacar sobre os serviços oraculares dispostos nos bairros estudados que: 1) há um número significativo de disponibilização de serviços no mercado informal para atendimento com oráculos; 2) que a maioria dos serviços identificados são realizados por mulheres; que a maioria das mulheres fazem a oferecimento dos serviços através de cartazes e placas que servem de propagandas dispostas em postes e calçadas da cidade.

O estudo por estar nas fases iniciais, ainda não adensaram sobre os aspectos que vinculam ou não as práticas das cartomantes à religiosidade; das características dos saberes desenvolvidos neste campo suas formas de ofícios diante da pluralidade da cultura local. Portanto, a relevância do tema mostra-se evidente, assim como o reconhecimento da contribuição social e cultural destas cartomantes, de modo a visibilizar a pertinência de suas expressões, destacando o material científico imprescindível às ciências sociais e educação e, claro para a área das Ciências da Religião.

REFERÊNCIAS

ARRONIZ, Leonardo. **Uma arte de fronteira**: o fenômeno editorial “tarô” como linguagem estética. Orientadora: Maria Teresa Ferreira Bastos. Rio de Janeiro, 2014. Monografia (Graduação em Produção Editorial) – Escola de Comunicação, UFRJ. 107 f.

CROATTO, José Severino. **As Linguagens da Experiência Religiosa**: uma introdução à fenomenologia da religião. São Paulo, SP: Paulinas, 2001.

DEL PRIORE, Mary. **Do outro lado** – A história do sobrenatural e do espiritismo. São Paulo, SP: Planeta, 2014.

ELIADE. Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo, SP: Perspectiva, 1972.

FEDERICCI, Silvia. **Calibã e a Bruxa**: mulheres e acumulação primitiva. São Paulo, SP: Anais do II Seminário de Pesquisa do Grupo Arte, Religião e Memória - ISBN: 978-65-88106-50-1

Elefante, 2017.

GOMES, M. B. **Espiritualidade Contemporânea**. São Paulo: Editora, 2002. v. 1. 143p.

GOMES, M. B. . Um estudo Hermenêutico do Tarô. **História, Imagem e Narrativas**, v. 10, p. 01-30, 2010.

LOUREIRO, J. de J. P. **Cultura Amazônica**: uma poética do imaginário. 4. ed. Belém, PA: Cultura Brasil, 2015.

MAIA, Ketlellen. O. Mercadoras do sobrenatural: um estudo sobre mulheres cartomantes no Rio de Janeiro Imperial (1860-1869). **Rev. Hist. UEG - Morrinhos**, v.9, n.2, e-922027, jul./dez. 2020

MOTTA-MAUÉS, Maria Angelica. "Lugar de mulher": representações sobre os sexos e práticas médicas na Amazônia (Itapuá/Pará). In: ALVES, P. C. & ORO, Ivo Pedro. **O fenômeno religioso**: como entender. São Paulo, SP: Paulinas, 2013.

RABELO, Mirian C. M. **Tarólogos, oráculos e espiritualidade a luz do pensamento moderno**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 1994.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. A mercantilização da magia na urbanização de São Paulo (1910-1940). **Revista de História** 150, p.11-39, 2004

3- A SIMBÓLICA DOS VITRAIS DA SÉ EM BELÉM DO PARÁ

Denilson Marques dos Santos
Universidade do Estado do Pará /PPGCR-UEPA
dede_cecilia@yahoo.com.br

Denise Marques dos Santos
Faculdade Cosmopolita /Graduanda em Direito
dede_lana@hotmail.com

Ilma Freitas dos Santos
Escola Superior da Amazônia -ESAMAZ/ Letras
maprofg@gmail.com

RESUMO:

O presente estudo tem por objetivo compreender a importância de um tipo específico de arte, a saber, os vitrais para religiosos e cristãos (especificamente os leigos católicos), como os de outras “Organizações Religiosas” (OR’s) que desta arte em visitação ao “lócus” de pesquisa, cito Igreja da Sé (Sede da Arquidiocese de Belém do Pará), se utilizam também para decodificar seus preceitos religiosos. Em termos teórico-metodológicos, priorizamos a revisão bibliográfica documental, principalmente, do autor Eliade (1992), além de trabalhos de pesquisadores que também seguem a vertente do tema abordado como Eusébio (2005), Joly (2007), Manini (2011), Mannoni (2003), Michelotti (2011), Panofsky (1989), Viana (2015), dentre outros. As palavras: Vitrais Religiosos, Fotoetnografia, História, Religião e Arte foram utilizadas como chave de pesquisa. A análise temática dos dados coletados foi realizada com base na análise de conteúdo das entrevistas. Ao final da pesquisa, pretende-se trazer a público através de fotografias todo o patrimônio de vitrais que a Sé de Belém (PA) possui trazendo uma maior conceituação e instrumentalização para sua salvaguarda e tombamento se ainda não possuir. Busca-se ainda incentivar e valorizar o reconhecimento desta linguagem de arte como integrante da memória e patrimônio material e cultural de Belém do Pará (Brasil).

PALAVRAS-CHAVE: História; Vitrais Religiosos; Arte.

INTRODUÇÃO

O presente estudo consiste em compreender a importância de um tipo específico de arte, a saber, os vitrais para religiosos e cristãos (especificamente os leigos católicos), como os de outras “Organizações Religiosas” (ORs) que desta arte em visitação ao “lócus” de estudo se utilizam também para decodificar seus preceitos religiosos.

A fim de descrever esta relação entre religião e arte, na pesquisa utilizou-se como estudo de caso a Sé em Belém do Pará. A Catedral Metropolitana de Belém (CMB) como também é conhecida localiza-se no Bairro da Cidade Velha, o mais antigo de Belém, sendo a mesma concluída em 1771, com o projeto da fachada idealizado pelo arquiteto italiano Antônio José Landi, o que legitima sua história intimamente com a história da Metrópole da Amazônia, a Cidade de Belém do Pará, e com o Círio de Nazaré.

A CMB valoriza em seu interior a arte dos vitrais (no total de dez) para exposição dos símbolos da fé através do culto e veneração aos santos, bem como situações vivenciadas nas

Anais do II Seminário de Pesquisa do Grupo Arte, Religião e Memória - ISBN: 978-65-88106-50-1

passagens bíblicas cujo exemplo os fiéis se edificam. Pois, quando se olha para uma imagem de um mártir religioso estampada nos vitrais ela nos faz refletir que a pessoa ali representada é santa (foi beatificada), vivendo conforme a vontade de Deus, então, é um “modelo de vida” a ser seguido por leigos e religiosos católicos.

A iconografia cristã, certamente, foi concebida como um tipo de arte carregada de sentidos e, neste caso, uma via de acesso para compreender um sistema de crenças e práticas sagradas. Deste modo, podemos argumentar que a tradição cristã, em diferentes momentos de sua longa história, procurou reproduzir sua função pedagógica por meio dos símbolos. Precisou-se também utilizar o método etnográfico nas entrevistas semiestruturadas com o Arcebispo de Belém, Dom Alberto Taveira, primeiramente para autorização da pesquisa se realizar e depois para conhecermos melhor a história da Igreja da Sé (Sede da Arquidiocese de Belém) e sobre a compra e aquisição dos vitrais, assim como com os religiosos e leigos católicos analisando a importância da estrutura simbólica dos vitrais nas mudanças de atitude na postura religiosa dos fiéis depois do conhecimento prévio histórico de seus mártires religiosos através da entrevista, etnografia e da fotoetnografia.

Figura 1 - Igreja da Sé / Sede da Arquidiocese de Belém (Lócus da Pesquisa)



Fonte: Arquivo Pessoal (2021)

Uma das técnicas entendida como legítima para a obtenção de dados com a profundidade necessária para a elaboração do texto etnográfico consiste na observação participante, cuja paternidade, em termos de uso de tal instrumental, cabe a Bronislaw

Malinowski (1976), autor do clássico trabalho intitulado "Argonautas do Pacífico Ocidental", um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia, publicado pela primeira vez em 1922. Para Malinowski (1976):

Um trabalho etnográfico só terá valor científico irrefutável se nos permitir distinguir claramente de um lado, os resultados da observação direta e das declarações e interpretações nativas e, de outro, as inferências do autor, baseadas em seu próprio bom-senso e intuição psicológica. Na etnografia, o autor é, ao mesmo tempo, o seu próprio cronista e historiador; suas fontes de informação são, indubitavelmente, bastante acessíveis, mas também extremamente enganosas e complexas; não estão incorporadas a documentos materiais fixos, mas sim ao comportamento e memória de seres humanos (MALINOWSKI, 1976, p.18).

Este jogo intrigante que a etnografia possibilita faz com que o pesquisador, ora se impregne totalmente do ponto de vista dos seus pesquisados, se desconstruindo, ora se afaste, de modo a tornar possível a análise daquilo que foi levantado em campo através das entrevistas.

UMA CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA ICONOGRAFIA CRISTÃ

Entre os variáveis elementos iconográficos encontra-se, de modo particular, o objeto de nossa reflexão, a saber, a produção imagética dos vitrais que para além de seu aspecto estético, caracterizado pelo mosaico de cores, reproduz uma função pedagógica que consiste em uma fixação do modelo de fé.

Eliade (1992) nos diz que:

O homem religioso assume um modo de existência específica no mundo, e, este modo específico é sempre reconhecível. Seja qual for o contexto histórico em que se encontra, o "*homo religiosus*" acredita sempre que existe uma realidade absoluta, o sagrado, que transcende este mundo, que aqui se manifesta, santificando-o e tornando-o real (ELIADE, 1992: 37).

Sabe-se que os vitrais são peculiarmente atraentes, suntuosos e estão em posição (localização) de destaque nas igrejas, basílicas e catedrais cristãs do mundo inteiro.

Mesmo um indivíduo que nunca viu um, ao entrar em uma catedral que possui vitrais em seu interior, certamente irá observar as luzes coloridas, suas várias formas e ficará maravilhado. Além deste caráter estético, os vitrais das igrejas católicas não são simplesmente vidros coloridos. Eles são coloridos sim, mas muito mais do que isto. Possuem formas diferentes, tamanhos diferentes, espessuras diferentes e, principalmente, imagens.

Optou-se por utilizar, também, a fotografia como recurso, pois como a etimologia da própria palavra já afirma e Mannoni (2003) também reitera que: "A fotografia é a escrita com luz, o desenho obtido pela luz e isto tem tudo a ver com o tema desta pesquisa, os vitrais, pois são desenhos, imagens que precisam de luz para aparecer."

Manini (2011) afirma que:

A fotografia como índice utiliza o discurso da referência para fazer ver a realidade inegável de uma imagem, apesar da consciência dos inúmeros códigos envolvidos em sua construção. Somos privilegiados por através da fotografia eternizar objetos e fatos importantes, a arquitetura, a arte e eventos históricos (MANINI, 2011, p. 21).

Há uma importante citação de Panofsky (1989) que diz: “Acredito sinceramente que existem coisas que ninguém veria, se eu não as tivesse fotografado”. Independente do valor estético, retrataremos na pesquisa o cultural e o religioso almejando com isto depois da pesquisa concluída que sejam vistos e atribuído o real valor antropológico, histórico, religioso e cultural da referida arte no âmbito nacional e também internacional.

Figura 2 - Santo Antônio



Fonte: Arquivo Pessoal (2021)

Além disto, até o momento não há nenhum trabalho sob esta perspectiva dedicado aos vitrais da referida Catedral em Belém (PA) e para que não se perca a história e o valor destes, seja durante uma nova reforma, ou um ato de vandalismo, ou ainda por causa naturais, empenhamo-nos em fazê-lo e os seus registros catalogando-os.

FICHA CATALOGRÁFICA COMO BASE DE DADOS AO TRATAMENTO DOS VITRAIS

Destarte, nesta pesquisa se utilizou a ficha catalográfica de Denise Michelotti (2011), servindo como base de dados para o adequado tratamento dos vitrais mais especificamente os da Sé de Belém-Pará que foi dividida em dois momentos: Identificação e características do objeto e a ficha catalográfica especializada em vitrais como demonstra as imagens abaixo:

Tabela 1 - Modelo de Ficha Catalográfica

FICHA CATALOGRÁFICA		LOGO MARCA DA INSTITUIÇÃO		NOME DA INSTITUIÇÃO	
		Nº DE TOMBO:		Nº DE REGISTRO:	
		CLASSE	SUBCLASSE	TERMO	
			I		
COLEÇÃO		LOCALIZAÇÃO	ESPECIFICAÇÃO		
IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO		NOME DA OBRA:			
		AUTOR:			
		PROCEDÊNCIA:		ORIGEM:	
		AQUISIÇÃO: <input type="checkbox"/> DOAÇÃO_ <input type="checkbox"/> COMPRA <input type="checkbox"/> PERMUTA <input type="checkbox"/> TRANSFERÊNCIA		DATA:	
DIMENSÕES:		ALTURA:	LARGURA:	CONSERVAÇÃO: <input type="checkbox"/> EXCELENTE <input type="checkbox"/> BOM <input type="checkbox"/> REGULAR_ <input type="checkbox"/> RUIM	
MATERIAL				IMAGEM	
HISTORICO DE AQUISIÇÃO		MARCAS E INSCRIÇÕES			
ICONOGRAFIA		BIBLIOGRAFIA:			
DESCRIÇÃO		OBSERVAÇÃO			

Fonte: Adaptada pelos Autores em 2021 (MICHELOTTI, 2011, p. 45)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa em que dialogam história, religião e arte, observamos que a Igreja Católica no Brasil apoiou-se nas artes para evangelizar os leigos e sustentar a fé.

A composição é o meio interpretativo de controlar a reinterpretação de uma mensagem visual por parte de quem a recebe. “O significado se encontra tanto no olho do observador quanto no talento do criador” (DONDIS, 1997, p. 131).

Assim mesmo apesar de não vermos as mesmas coisas todos aprendem pela sensibilidade tanto quem criou quanto quem observa. Concordamos com o Donis Dondis (1997) no sentido de que o valor pedagógico dos vitrais continuam latente para quem admira e conhece ou não a sua história.

Então, os vitrais das CMB se constituem também como uma espécie de bíblia dos iletrados para uma parcela da população belenense ao transcreverem em figuras visuais, episódios e personagens mais expressivos encontrados nos textos sagrados.

Aonde, a imagem criada em um processo artístico, “transcreveria” o legível na ordem do visível e o artista tinha, entre outras, a função de transmitir visualmente ‘a palavra’ realizada através de sua relação com as narrativas bíblicas.

REFERÊNCIAS:

DONDIS, Donis. A. **Sintaxe da linguagem visual**. 2.ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1997.

MANINI, Miriam Paula. Imagem, memória e informação: Um tripé para o documento Anais do II Seminário de Pesquisa do Grupo Arte, Religião e Memória - ISBN: 978-65-88106-50-1

fotográfico. **Domínios da Imagem**, Londrina (PR), n. 8, 2011.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do pacífico ocidental**: Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. Coleção “Os Pensadores”, v. 43. São Paulo (SP): Abril Cultural, 1976. 436 p.

MANNONI, Laurenti. **A grande arte da luz e da sombra**. Trad. KFOURI, Assef. São Paulo, SP: Editora SENAC, 2003.

MICHELOTTI, Denise. **Arte em vitrais**: A salvaguarda, a extroversão e a sociomuseologia. Dissertação de mestrado. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Departamento de Museologia, 2011.

MIRCEA, Eliade. **O Sagrado e o Profano**. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1992.

PANOFSKY, Erwin: **O significado nas artes visuais**. Lisboa (PT): Editora Presença, 1989.

4- CÍRIO DE NAZARÉ DE BELÉM-PA E A PANDEMIA DE COVID-19: ENTRE O CANCELAMENTO OFICIAL E REALIZAÇÃO POPULAR

Mariana Pamplona Ximenes Ponte
(Escola de Aplicação – EA/UFPA)
marianaximenes@ufpa.br

RESUMO

Em decorrência da pandemia de COVID-19 as procissões oficiais do Círio de Nazaré de Belém-PA não foram realizadas nos anos de 2020 e 2021, no entanto parte dos devotos saíram as ruas no sábado e domingo do Círio em procissão. Utilizando a observação participante, realização de entrevistas e aplicação de formulários, o objetivo da pesquisa é fazer uma etnografia do Círio de 2020, a fim de compreender as condições em que se realizaram o cancelamento das procissões e demais eventos presenciais do Círio de Nazaré e quais as escolhas que os devotos fizeram diante das recomendações sanitárias relacionadas ao controle da transmissão do vírus. A pesquisa mostrou que realizar o percurso das principais procissões, ainda que sem a presença da imagem peregrina e outros símbolos, foi mantido pela importância que esta prática possui no que diz respeito a fé, devoção e gratidão à santa. Diante das dificuldades enfrentadas pelo contexto pandêmico, os fiéis tomaram como necessário renovar os votos diante de Nossa Senhora de Nazaré através da caminhada. Ainda em andamento, esta pesquisa permite concluir preliminarmente que diante da situação atípica, a realização de algumas práticas ou rituais são mantidas com os recursos disponíveis, neste caso, deslocamentos rituais movidos pela devoção, percorrendo determinado território em um tempo ritual específico.

Palavras-Chave: Círio de Nazaré; Covid-19; procissões.

INTRODUÇÃO

O Círio de Nazaré de Belém-PA pode ser considerado a mais importante festa religiosa do norte do país (PONTE, 2011) e acontece oficialmente desde 1793. A história conta que devoção em Nossa Senhora de Nazaré se origina localmente a partir do mito do achado da imagem da santa pelo caboclo Plácido, no local foi construída a princípio uma pequena ermida para o culto daquela imagem e, com o crescimento do culto àquela santa e de sua festividade, após sucessivas construções e reformas foi erguida a edificação que atualmente abriga a Basílica Santuário de Nazaré.

O Círio de Nazaré é um Complexo Ritual (TURNER, 1974) formado por uma série de ciclos rituais que incluem dezenas de missas, peregrinações, procissões, festas, arraial realizados durante mais de 15 dias no mês de outubro, com deslocamentos rituais que percorrem dezenas de quilômetros da região metropolitana de Belém (PONTE, 2011). Algumas áreas são mais intensamente ocupadas e possuem maior sentido simbólico para a devoção a esta santa e para a celebração de sua festividade, o Círio. São elas, a Catedral Metropolitana de Belém (Catedral da Sé) e a Basílica Santuário de Nazaré e seus arredores, e os trajetos percorridos

pelas duas principais procissões, Trasladação e procissão do Círio, realizadas no segundo sábado e domingo de outubro respectivamente.

O Círio de Nazaré vinha sendo realizado de maneira ininterrupta nas últimas décadas, apresentando expansão em diversos aspectos, como: quantidade de participantes, eventos relacionados, procissões, ocupação territorial, recursos financeiros etc.) (PANTOJA, 2006; PONTE, 2019). Porém, em 2020 e 2021 a programação oficial foi alterada, a “tradicional” sequência de romarias e procissões (doze no total), além das missas e demais eventos, realizados pela Arquidiocese de Belém e Diretoria do Círio não foram realizadas em decorrência da pandemia de covid-19 e das recomendações sanitárias relativas ao controle da transmissão do vírus.

Entre datas e declarações importantes do ponto de vista internacional e nacional, foi sendo construído o caminho para o “cancelamento” do Círio entremeado de debates nos meios de comunicação e redes sociais onde eram utilizados como argumentos as recomendações sanitárias, declarações e comunicados “oficiais” das instituições civis e religiosas.

Em janeiro de 2020, passaram a ser frequentes nos meios de comunicação nacionais notícias sobre a descoberta de um novo coronavírus humano, posteriormente denominado de SARS-CoV-2, causador da doença covid-19. Em 30 de janeiro de 2020 a Organização Mundial de Saúde (OMS) declara que o surto do novo coronavírus é uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII), e em 11 de março a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia; ressalta-se que esta denominação se refere a distribuição geográfica da doença e não de sua gravidade. (HISTÓRICO DA PANDEMIA, s.d.).

No entanto no dia seguinte, ou seja, 12 de março ocorre a primeira morte de COVID-19 no Brasil. Em 18 de março é decretado o primeiro *lockdown* em Belém, dia 19 registra-se o primeiro óbito no Pará (ARAÚJO, 2023). No mês de maio outro *lockdown* foi decretado no estado, este abrangeu além de Belém, os municípios de Ananindeua, Marituba, Benevides, Santa Bárbara do Pará, Santa Izabel do Pará, Castanhal, Santo Antônio do Tauá, Vigia de Nazaré e Breves, e durou de 07 a 24 de maio. A escolha dos municípios foi baseada na média de pessoas infectadas, que naquele momento era 50% maior que a média do estado (LOCKDOWN EM BELÉM, 2020)

Durante os meses de março, abril e maio houve o aumento dos casos confirmados e da mortalidade em consequência da covid-19 no Brasil. O distanciamento social era a medida preponderante de controle da transmissão e estratégia para evitar a sobrecarga no sistema de saúde pois o vírus e a doença não eram conhecidos, não havia medicação e/ou vacina que

fossem eficazes/eficientes para evitar ou tratar a doença. Diante deste cenário, as análises e previsões, tanto de especialistas quanto de leigos, passaram a gradualmente indicar que a recomendação de distanciamento social e proibição de aglomeração perdurariam por meses, contrariando a ideia inicial de “quarentena”, entendido naquele momento como uma reclusão que duraria um prazo previamente determinado de aproximadamente 40 dias.

Uma das características mais evidentes do Círio de Nazaré é a aglomeração de devotos, é a multidão de pessoas ocupando as ruas, igrejas e praças da cidade. A estimativa para a década de 2010 é que cerca de dois milhões de pessoas tem participado da procissão do Círio de Nazaré, a principal que acontece na manhã do segundo domingo de outubro.

Sendo assim, parte da população da região metropolitana de Belém começou a conversar, questionar e cogitar a possibilidade de não haver Círio de Nazaré em 2020. Naquele momento esta possibilidade significava um importante, se não o maior impacto de cunho sociocultural coletivo que a pandemia poderia trazer, especialmente pela sua carga simbólica. O Círio de Nazaré funciona como um marcador temporal importante para esta população, ele encerra um e inicia outro ciclo anual (PONTE, 2019).

O assunto “como seria o Círio daquele ano” extrapola as conversas informais e os posts das redes sociais. Nos primeiros dias de maio a guarda da santa e a guarda mirim lançaram oficialmente a campanha “Fique em Casa pelo Círio”, a campanha buscava conscientizar a população da importância da adesão ao isolamento/distanciamento social. A realização do Círio de Nazaré entra como um objetivo maior e comum a todos, potencialmente capaz de mobilizar a população afim de garantir sua realização a partir do controle da transmissão. A campanha foi feita pelas redes e mídias sociais da Guarda de Nazaré e Guarda Mirim através de postagens e uso da *hashtag* #FIQUEEMCASAPELOCÍRIO (CAMPANHA 'FIQUE EM CASA PELO CÍRIO', 2020).

A Arquidiocese também é pressionada a falar do assunto. No canal da Guarda de Nazaré foi postado um vídeo no dia 05 de maio – aparentemente se trata de um trecho de uma missa – que foi denominado “Dom Alberto Taveira – boatos de cancelamento do Círio de 2020”. Durante poucos minutos o arcebispo fala sobre o que ele chamou de “boatos” de que o Círio seria cancelado, ele diz “Há notícias que ficam correndo por aí e perturbam nosso coração [...] durante esta semana meios de comunicação criaram uma bela confusão na cabeça do povo de Deus com relação ao Círio de Nazaré [...]”, e para trazer um ar de normalidade ele diz “[...] Neste mês de maio teremos a descida da imagem original de Plácido, nós teremos a entrega do cartaz do Círio [...] fazendo tudo com os limites que são impostos pela situação em que nos

encontramos”. Em seguida, ele passa a falar que é o desejo de todos que o Círio seja realizado, que as “providências” serão tomadas na hora devida ouvindo as autoridades e instâncias cabíveis, fala ainda que as pessoas não devem se deixem “influenciar” e faz um apelo, “peço pra que tenham o necessário discernimento e atenção, qualquer notícia sobre o Círio só poderá ser dada pela arquidiocese [...] nosso desejo é realizá-lo, esse é o sonho de todos nós e está no coração da nossa igreja”.

Nos meses seguintes a pandemia agravou e o número de infecções e mortes aumentaram de maneira importante no Brasil, reduzindo a possibilidade de realização do Círio de Nazaré. E em 06 de agosto de 2020, marcado e divulgado com antecedência, foi feito um comunicado oficial ao vivo transmitido pelos meios de comunicação ligados a Arquidiocese para falar do Círio daquele ano.

No canal da catedral metropolitana de Belém é possível assistir na íntegra o comunicado oficial, no qual Dom Alberto Taveira diz:

E aqui desejamos assumir juntos a responsabilidade de realizar o Círio de Nazaré de 2020, vivendo a fé em Cristo sem distâncias. [...] Para nós, o Círio vai acontecer e deve acontecer ainda que tenhamos muitas adaptações a fazer. [...] a fim de que a nossa grande festa se realize sem colocar em risco a saúde das pessoas. Será necessário reduzir as ocasiões de concentração de pessoas nas modalidades que serão ainda explicadas nesta noite. Não poderemos realizar da forma costumeira as procissões que caracterizam o Círio de Nazaré, pois simplificaremos os eventos do segundo final de semana de outubro [...] um Círio diferente é tarefa de todos nós cristãos católicos que assumimos como missão. [...] Nós não cancelamos, nós optamos por fazer o Círio do jeito que for possível e com a compreensão, colaboração e participação de todos. Muitas pessoas perguntam sobre os ícones do Círio, imagem peregrina, procissões de outras atrações do dia do Círio, a corda... Mesmo com muita dor no coração cabe-me dizer que não poderemos fazer tudo de acordo com os nossos costumes e a nossa linda tradição, sabemos que não será possível ter a multidão pelas ruas do jeito que gostamos [...] (transcrição do comunicado sobre o Círio de Nazaré de 2020, 06 de ago, 2020).

A partir deste pronunciamento, os devotos passaram a planejar “o que fazer no Círio”. Enquanto alguns lamentavam o cancelamento das procissões do Círio, outros questionavam se na ausência de procissões era possível dizer que haveria Círio.

OBJETIVOS

O objetivo da pesquisa é fazer uma etnografia do Círio de 2020 a fim de compreender as condições em que se realizaram o cancelamento das procissões e demais eventos presenciais

do Círio de Nazaré e quais as escolhas que os devotos fizeram diante das recomendações sanitárias relacionadas ao controle da transmissão do vírus.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa foi realizada a partir da construção de uma etnografia utilizando a observação participante como instrumento central, incluindo a eventos presenciais e *on line*. Foram realizadas entrevistas e aplicados formulários a fim de identificar quais práticas foram mantidas apesar do cancelamento dos eventos presenciais no Círio de Nazaré de 2020 e compreender o que motivou estas escolhas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante do cancelamento das procissões oficiais, da substituição das programações presenciais por outras realizadas de maneira remota ou online parte da população que costuma participar do Círio de diversas maneiras construiu estratégias e utilizando suas próprias regras de necessidade e importância optou por manter algumas das práticas que caracterizam sua participação no Círio. Ora individualmente ora coletivamente, alguns devotos redesenharam seu Círio. No que diz respeito a cultos públicos ou formas públicas de manifestação de fé, podemos dizer que a considerada mais importante, tendo como critério a necessidade de mantê-la, foi “ir” para a procissão do Círio e para a Trasladação, ainda que do ponto de vista oficial elas não aconteceram, portanto os símbolos considerados centrais também não estiveram nas ruas, são eles, a imagem peregrina de Nossa Senhora de Nazaré, a berlinda e a corda do Círio.

CONCLUSÃO

No Círio de Nazaré de 2020 foram realizadas procissões “apesar de”, ou seja, apesar de uma série de mudanças e ausências e em um contexto adverso. Ainda que canceladas pelas instituições legitimadas para tal, ou seja, Arquidiocese Metropolitana de Belém e diretoria da festa - com apoio e/ou por recomendação dos órgãos públicos em suas diversas esferas - parte dos fieis foram às ruas no segundo fim de semana de outubro de 2020 e 2021. Apesar da Basílica Santuário e da Catedral de Belém estarem fechadas (2020), as pessoas foram para suas portas. Ainda que soubessem que a imagem peregrina não estaria nas ruas com sua berlinda, que a corda não seria esticada no asfalto, as pessoas foram para as ruas e fizeram o trajeto das procissões. Os devotos realizaram um deslocamento ritual no qual três elementos estavam reunidos e foram suficientes para a manutenção daquela prática: a fé em N.S. de Nazaré, o

trajeto a ser percorrido e o tempo ritual. Desta maneira, é possível afirmar que houve a realização de um Círio popular nos anos 2020 e 2021.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Lucivaldo. **Espiritualidades e saúde mental em tempos pandêmicos**. 19 jan. 2023. Apresentação do Power Point. Acesso em: 17 fev. 2023.

CAMPANHA ‘FIQUE EM CASA PELO CÍRIO’ quer estimular aumento do isolamento social no Pará. **Portal G1 Pará**, Belém, 01 de mai, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2020/05/01/campanha-fique-em-casa-pelo-cirio-quer-estimular-aumento-do-isolamento-social-no-para.ghtml>. Acesso em: 15 de fev. de 2023.

CATEDRAL METROPOLITANA DE BELÉM. Comunicado - Círio 2020 - #FéSemDistâncias. Youtube, 06 de ago, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i8nvNz3H2eI&t=1028s>. Acesso em: 15 dez 2022.

HISTÓRICO DA PANDEMIA de covid-19. **Organização Pan-americana de Saúde**, sem data. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 15 de fev. de 2023.

LOCKDOWN EM BELÉM e mais nove municípios do Pará é prorrogado até 24 de maio. **Portal G1 Pará**, Belém, 15 de mai, 2020. Disponível em <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2020/05/15/lockdown-no-para-e-prorrogado-ate-24-de-maio.ghtml>. Acesso em: 15 fev. 2023.

PANTOJA, Vanda. **Negócios sagrados: reciprocidade e mercado no Círio de Nazaré**. Dissertação de Mestrado — Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.

PONTE, Mariana P. Ximenes. **No primeiro ela dorme, no segundo a gente reza: etnografia de um grupo de peregrinação de Nazaré no bairro do Umarizal em Belém- PA**. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Pará. Belém, 2011.

PONTE, Mariana P. Ximenes. **O Círio de Nazaré de Belém-PA como Fresta para a Religiosidade Paraense** / Mariana Pamplona Ximenes Ponte. Tese de Doutorado – Universidade Federal do Pará. Belém, 2019.

TURNER, Victor. **O processo ritual: estrutura e antiestrutura**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1974.

5- RELIGIÃO E RITOS FÚNEBRES: UM OLHAR A PARTIR DO CURTA METRAGEM MULHERES CHORADEIRAS

Dilma Damasceno de Jesus
Universidade do Estado do Pará
dilma.jesus@aluno.uepa.br

RESUMO:

Este artigo trata de um estudo em Ciências da Religião, analisa uma obra de ficção intitulada Mulheres Choradeiras que é um curta metragem que focaliza um rito fúnebre. Objetivamos realizar estudo teórico sobre religião e ritos fúnebres analisando o conteúdo visual e discursivo da obra para identificar os elementos simbólicos de natureza ritual religiosa. A metodologia consistiu em estudo teórico e análise de conteúdo imagético e linguagem visual do curta metragem Mulheres Choradeiras numa abordagem semiótica. Interpretamos a composição imagética que narram as cenas e seus símbolos que dão contorno a narrativa e envolve a cena, os gestos, cenários, cores e elemento que compõe o figurino pois que atribuem um significado; uma particularidade para designar ou significar outra coisa ausente no papel da Mulheres que choram o morto.

Palavra-chave: Morte; Ritual; Ficção

Introdução

O estudo discorre sobre o enredo do curta metragem Mulheres Choradeiras que apresenta elementos simbólicos de natureza ritual religiosa e tem como hipótese que o conteúdo audiovisual e discursivo do curta As Mulheres Choradeiras que também são conhecidas como carpideiras, mulheres pagas para chorarem em cerimônias de funerais, indicam a existência de ritos próprios de natureza religiosa e que se expressam através de elementos compositivos de cenas.

Diante do exposto os objetivos consistem em analisar o conteúdo visual e discursivo do curta Mulher Choradeiras identificando os elementos simbólicos de natureza ritual religiosa, assim como, os específicos indicam: realizar estudo da contextualização histórica da relação entre arte e religião na percepção do fenômeno religioso amazônico e da origem das práticas das carpideiras. Neste sentido foi necessário selecionar cenas do curta que apresentam indícios da presença de simbolismo religioso e analisar os dados produzidos que desencadeou a discussão e interpretação da problemática em questão.

Portanto, articulo teorias do campo dos estudos sobre religião e cultura, mais especificamente o campo da arte/ audiovisual. E foi a inserção desta pesquisadora ao aprofundar o assunto na disciplina Cultura, História e Religiosidade Amazônia que permitiu adentrar para esse campo, pois inicialmente a investida era em outra temática.

O estudo que apresento se dispõe a analisar os elementos compositivos na obra de ficção

Mulheres Choradeiras que é um curta metragem paraense de 2000, de mesmo nome. O curta é baseado num conto de Fábio Castro presente no livro intitulado Terra dos Cabeçudos, de 1987. O conto Mulheres Choradeiras possui um curta homônimo, de Jorane Castro, e explora a cultura e realidade da cultura Amazônica. O filme tem sinopse onde três velhinhas que trabalham como carpideiras de enterro e velório e sua função consistem em chorar o defunto dos outros. No filme são representadas pelas atrizes: Mendara Mariane, Tacimar Cantuari e Nilza Maria, esta última já falecida.

É importante destacar que a manifestação dos fenômenos religiosos são parte das diferentes culturas e sociedades, enquanto um dos bens simbólicos resultantes da busca humana por respostas aos enigmas do mundo, da vida e da morte. De modo singular, ou pela subjetividade e pluralidade das culturas, os fenômenos religiosos comportam sentidos e significados particulares e uma diversidade de compreensão acerca das divindades e em torno das quais se podemos compreender suas cosmovisões, seus saberes, ritos, valores e crenças. E neste contexto podemos conhecer, analisar e interpretar símbolos, doutrinas, práticas e princípios éticos e morais. E, considero que a história da arte e a história das religiões estão intimamente ligadas e, essa afirmativa pode se ver através do papel que a arte tem nos templos sagrados, nos objetos, nas pinturas, música e dança. No caso do conteúdo de vídeo do qual será objeto de estudo, a relação entre arte e religião é apresentada em relação ao conteúdo discursivo e visual. Acredito que obra de arte, mesmo sendo um conteúdo ficcional “pode anunciar um composto simbólico que afirme os fenômenos e acontecimentos da vida cotidiana de forma concreta. E este projeto propõe discussões sobre ritos fúnebres no contexto da cultura amazônica, especificamente paraense (JESUS, 2023). O termo fúnebre, de acordo com o dicionário Oxford, diz respeito a óbito, sepultamento como processo e cerimônia; funeral.

As questões mencionadas permitem considerar que a discussão sobre arte e religião seja relevante, pois a produção científica tem cada dia mais valorizado a riqueza da diversidade cultural e religiosa presente na cultura amazônica e para realização desta pesquisa, destaco três eixos: uma abordagem sociocultural; cultura visual e linguagem religiosa.

A metodologia consistiu em estudo teórico e análise de conteúdo imagético e linguagem visual do curta metragem Mulheres Choradeiras numa abordagem semiótica. Interpretamos a composição imagética que narram às cenas e seus símbolos que dão contorno a narrativa e envolve a cena, os gestos, cenários, cores e elemento que compõe o figurino pois que atribuem um significado; uma particularidade para designar ou significar outra coisa ausente no papel da Mulheres que choram o morto.

No eixo social pode-se destacar que essa pesquisa tem o propósito de dispor dos simbolismos religiosos presente nas culturas e identidades, mais especificamente no contexto amazônico que remete a compreender um rito fúnebre que está disposto num curta metragem. Trata também do papel social de mulheres que tem como ofício chorar e velar.

No eixo da cultura visual e linguagem religiosa trazemos um aprofundamento a respeito da relação entre a arte, no caso audiovisual com um conteúdo - Rito, símbolo, signo e significado das tradições locais. Destacamos, dentre a experiência linguística religiosa.

Em relação à importância de se pesquisar a religião no corpo de uma obra ficcional, quanto ao eixo científica destaca-se que este trabalho tem um propósito de desenvolver mais uma pesquisa científica para a Universidade do Estado do Pará, o qual servirá de referência para outros estudos, além de ampliar o nosso conhecimento sobre a cultura religiosa.

A pesquisa foi estruturada em três capítulos: no primeiro capítulo será apresentado o contexto histórico da obra e as principais questões discutidas.

No segundo capítulo apresentamos as interpretações e análise do conteúdo visual.

Por fim, no terceiro capítulo apresento a análise dos dados coletados a partir da seleção das imagens que foram destacadas tendo como critério as cenas da abordagem: 1) chamada das mulheres para o ofício de chorar; 2) momento em que as três choradeiras velam o morto e 3) momento em que as mulheres estão diante do corpo e sugere-se que elas comem o morto (canibalismo). Leitura e análise de imagem com base nos parâmetros linguagem da cultura visual e da semiótica.

Diante do exposto, evidenciamos que as opções de análises indicam a relevância de se concretizar esta pesquisa, por considerar que a investigação sobre as carpideiras revela um rito com forte simbolismo com rezas, cantos, choros e ainda, traz um mistério que subtende que as mesmas devoram o morto como em algumas lendárias amazônicas.

Mulheres que choram, rito fúnebre e poética amazônica

O estudo propõe discussões pertinentes a cultura amazônica com destaque para a análise do discurso audiovisual, especificamente aspectos da cultura paraense e sem deixar de enfatizar que nas religiões existem diferentes tipos de ritos, que por sua vez são compostos por rituais e o curta metragem em questão vai incidir sobre costumes da tradição cristã local sobre ritos fúnebres.

O rito é a categoria mais ampla, como rito de passagem ou de cura, enquanto o ritual é o conjunto de gestos e ações que compõem os ritos. Muitas religiões possuem ritos de passagem

como o batismo, por exemplo, o que os diferencia são as formas ritualísticas. O ritual é um comportamento simbólico repetitivo, padronizado e redondante que canaliza emoções e organiza grupos sociais. É uma performance com sequências de atos formais personificada pelos diversos atores. Entre os diversos tipos de ritos e seus rituais religiosos destacamos os ritos mortuários, de modo que este está presente na narrativa do filme pelas Mulheres Choradeiras e, como eles adquirem significados expressivos onde a morte é vista como momento de transição nos termos de Arnold Van Gennep.

Imagem 01: Cena Mulheres Choradas/ Curta



Fonte: Frame do filme M C /Recorte da pesquisadora-2022

Os estudos acerca dos rituais humanos têm se mostrado que as mudanças ao longo da vida, incluindo a morte de entes queridos, precisam ser marcadas, pontuadas, de forma que estes acontecimentos recebam a consideração necessária na vida real.

Para Bayard (20) desde os tempos mais longínquos, há ritos direcionados a morte e, em todas as civilizações. Este autor diz ainda que realizavam-se cerimônias particulares em honra ao morto como parte da relação entre os vivos diante da partida de seu ente querido que remete os valores do sagrado. Para Bayard (1996, p. 31), “a morte torna-se a antecâmara de mundo novo, que queremos crer de horizontes resplandecentes, de um além do qual ninguém volta e que todas as tradições imaginam sensivelmente da mesma maneira como lugar de felicidade.”

As discussões das leituras realizadas subsidiam o tratamento simbólico dos ritos mortuários como um fenômeno de natureza social que aciona todo um imaginário erguido pelos fenômenos e seus contextos culturais e territoriais. E ao considerar que o objeto em estudo é um fenômeno centrado na cultura religiosa cristã, destaco que Bayard (1996) trata sobre a limpeza do corpo em ritos mortuários e, ainda, no caso das mortes súbitas na perspectiva cristã ele diz que o sentimento diante da morte súbita é de temor pois, segundo este autor, ao morrer subitamente o defunto não receberia o sacramento da extrema unção. E portanto, não teria seu corpo purificado, limpo e nem restaurada sua saúde e a saúde da alma.

Questões como as mencionadas acima estão presente no enredo do curta metragem e, neste estudo busco enfatizar o papel das mulheres choradeiras (na ficção) na ritualização do

Anais do II Seminário de Pesquisa do Grupo Arte, Religião e Memória - ISBN: 978-65-88106-50-1

morto, e já expressando que elas cantam choram para exaltar o sofrimento das famílias. Segundo Leal (2018, p.99) “no cerne de cada história, existe uma transformação, uma passagem de estado inicial para um estado posterior, quais forem eles.” Do mesmo modo são os ritos de passagem, assim como descritos por Arnold Van Gennep (1978), de forma que se transforma perceptível numa certa analogia estrutural entre as duas formas de expressão, os rituais reais das diversas sociedades e os rituais representados nas narrativas.

É nesse contexto que me disponho a analisar o rito fúnebre, especialmente os acontecimentos presentes nas cenas do curta foco deste estudo. Parto do princípio que a concepção acerca da morte e as práticas ritualísticas a ela associadas são reflexos da cultura e do contexto histórico da sociedade em que foram produzidas. Sobre o tema Bruno & Pereira (2017, p. s/p), afirma que “Tantos ritos como os objetos envolvidos, incluindo o próprio espaço fúnebre, são determinantes para a construção da morte no imaginário coletivo“. Dessa forma, as literaturas estudadas apontam como se dão os ritos de separação entre vivos e mortos, evidenciando que as pessoas concebem não apenas a morte, mas também seus valores em relação a própria vida. E quando realizada no contexto das sociedades tradicionais, percebe-se que nelas a morte e o imaginário a ela associada ocupavam um espaço denso na vida das pessoas.

Quando falamos em religião, logo nos vem à mente ideias como fé, sagrado, teofania. Se, por um lado, estão corretas tais ideias, por outro, apresentam-se conclusas, pois estamos vendo muitas mudanças na vida de mulheres e homens em celebrações ou movimentos religiosos, e estão envolvidos pela emoção, o fervor, a devoção e a imposição de normas de comportamento são valorizadas e incentivadas, formulando e reforçando princípios e valores éticos, cujos fundamentos são justificados no nível do sagrado, porque se encontram em um espaço extramundo. Para Silva (2013), a realidade é uma complexidade de sentimentos, seja de dor, alegria, tristeza, enfrentamentos ou mesmo passividade e, no aspecto religioso produzir um *ethos*² e que se traduz conjunto de significados de cada pessoa em sua dimensão emocional, afetiva e espiritual praticados cotidianamente. Nesse sentido, a religião, enquanto manifestação cultural expressa as necessidades e aspirações mediante ao sagrado; comporta sentidos e

² *Ethos* será entendido segundo uma aproximação entre caráter e hábito: é o costume que desenvolve um caráter, pois realizamos nossa excelência (*areté*) e virtude, praticando ações virtuosas, indissociáveis da busca do prazer e fuga à dor. Denomina-se justo, ou corajoso, aquele para quem a justiça ou a coragem se tornaram uma “segunda natureza”, um “modo de ser”: moral ativa e temperante é “medida sábia”, não aceita a moral ascética, está distante daquele que sofre com a ação que pratica, como o avarento que dá e o covarde que arrisca. Estes não são éticos. MATOS, 2008, p. 75).

significado de acordo com o grupo no qual está inserido.

De acordo com Oro (2013), O “mundo das religiões” foi impactado nas últimas décadas com as mudanças. Este autor destacou o fenômeno religioso. Em pleno século XXI, as religiões continuam vivas, readaptando-se à mudança de época e, tantas vezes, competindo na disputa por fiéis e crescimento econômico e midiático. Para este autor o fenômeno religioso na contemporaneidade é muito complexo. Por fenômeno religioso entendemos tudo o que está acontecendo e aparecendo no cenário das religiões: êxodos, migrações, estilos preferidos, novas práticas, grupos e correntes que crescem e esvaziam tendências e outros elementos (ORO 2013, p.12).

A definição acima é concebida em dimensão dinâmica, posto que as manifestações da cultura estão em constante transformação. No ponto de vista de Zigmunt Bauman (2013), assim como a conceituação, toda definição pode ser limitada. Este autor diz que a religião pertence a uma família de curiosos e às vezes embaraçantes conceitos, visto que todos sabem o que significa, até tentar uma definição. A religião constitui-se de práticas, discursos e todo um simbolismo próprio de um coletivo.

A cultura popular e cultura cabocla - são envolvida em um isolamento e mistério a Amazônia foi construindo um sistema de vida e trabalho ribeirinho e extrativista integrado por pescadores, coletores de castanha, de couros, de ouro e diamante entre outros. Uma cultura de profundas relações com a natureza, que pendurou, consolidou e fecundou poeticamente, o imaginário (até o final dos anos 50). Portanto, Loureiro (2015) que reafirma a pertinência em estudarmos a cultura amazônica para entendê-la em sua diversidade e olharmos a nos mesmos nesse cenário que é tão peculiar e enigmático.

Para Ribeiro & Belo (2020) a Amazônia é espaço de grande potencial estético de profundas simbologias, como nos dizem abaixo:

A Amazônia e os encantados que movem o imaginário se convertem em elemento de alto valor estético e cultural. A região Amazônica, como espaço literário das produções de Paes Loureiro, tem na profundidade das suas águas o que o poeta chama de “Morada dos deuses”. Para compreender as encantarias da linguagem, é necessário entender a influência do rio na voz, vida dos habitantes das ribeiras. Neste cenário de maravilhamentos, Paes Loureiro constrói sua poética do imaginário, na qual mitos e a realidade da Amazônia se confluem e se materializam em versos. (RIBEIRO; BELO,2020, p 46).

A literatura de Loureiro é reveladora e para este estudo vem contribuir para o assenhoreamento de uma cultura plural e ao mesmo tempo erguida sobre o simbolismo que afirma a poética do olhar diante da paisagem humanizada e mítica que se expressa em dimensão histórica e idealizada como “épocas das origens, como se nelas tudo estivesse nascendo. Como se tudo estivesse em perene começo. Um exemplo seria o da Grécia Antiga, outro o da Anais do II Seminário de Pesquisa do Grupo Arte, Religião e Memória - ISBN: 978-65-88106-50-1

Amazônia até praticamente os dias atuais.” (LOUREIRO, 2000, p.68). Este autor menciona que a memória estética está em complementariedade na relação entre o mito e a poesia cumprindo o papel histórico. É daí que ele apresenta o imaginário estetizador e poetizante.

O contato com a magia dos rios, das florestas, das criaturas e encantarias mostra o caboclo amazônico como um criador de origens. Os modos de vida na Amazonia têm um cotidiano que coloca a cultura em dimensão real e surreal.

[...] habituaram-se a aprender o espaço de forma descontínua – cada segmento desse vasto espaço unitário é um espaço natural reconstruído socialmente e, por isso único, ao mesmo tempo em que igual e integrado ao espaço universal. (PAES LOUREIRO, 2015, p. 79).

O sentido ora real e ora surreal e maravilhoso presente no imaginário amazônico que nos é apresentado por Loureiro (2015) está no corpo do mito, na cosmologia. Diante da afirmativa recorro a Eliade (2006, p. 11) quando discorre que o mito “é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada em perspectivas múltiplas e complementares, conta uma história sagrada, relata um acontecimento que teve lugar no tempo primordial, o tempo fabuloso dos começos [...]”

Ribeiro & Belo (2020, p. 48) dialogam intensamente com a literatura de Loureiro e, portanto, enfatizam que “uma das maneiras de o mito narrar a origem do mundo e de tudo a que nele existe é encontrar nas coisas e nos seres forças divinas que derivam da construção cósmica.”

Os conflitos de signos também fazem parte no estudo de Paes Loureiro, visto que, a história da Amazônia, região que passou por longo período de isolamento até início a década de 60, tem sido palco de conflitos de imagens e signos, em maior ou menor intensidade, no decorrer de sua história. Um desse momento de conflitos de signos da cultura amazônica foi o Ciclo da Borracha econômica e social da Amazônia.

Segundo Rodrigues (2012, p.12), a cultura amazônica é expressão popular cabocla nas cidades paraenses, considerando que esta possui fisionomia própria, a considerar a formação da população local que possui “elementos indígenas, mesclado a caracteres negros e europeus e cujo ator principal é o caboclo, resultante da miscigenação do índio com o branco, e cuja força cultural tem origem na forma de articulação com a natureza.”

Diante das discussões feitas sobre o cenário paraense amazônico e as configurações de formação deste povo e suas peculiaridades, adentramos ao estudo sobre as “Mulheres choradeiras” e ao mesmo tempo compreender que na dinâmica cultural da Amazônia o sagrado se assenta fortemente em toda parte.

Vida religiosa e leitura de Imagem

Para analisar o papel das Mulheres Choradeiras no curta metragem paraense optamos por uma metodologia centrada na leitura da imagem, como nos fundamenta Higuete (2000), que compreende que a leitura de imagem possui uma abordagem filosófica e indica que precisamos conhecer a caracterização do mundo das imagens. Esse autor nos propõe um três método de análise da imagem: a corrente transcendentalista; Fenomenologia da Imagem; e A hermenêutica simbólica. Com relação a caracterização da imagem Higuete indica que:

Chamamos de imagem uma representação concreta, sensível (reprodução ou cópia) de um objeto (modelo referente) material (uma cadeira) ou ideal (um número abstrato) presente ou ausente do ponto de vista perceptivo, e que mantém um vínculo tal com o seu referente, que pode ser tida como representante dele, permitindo assim reconhecer, conhecer e pensá-lo” (WUNWNBURGER, 1997 apud HIGUETE, 2015, p. 18).

Higuete (2015) que a imagem consiste na representação entre o concreto e o abstrato, que interioriza o mundo a partir de um suporte externo. Articula um plano mental ou psíquica, ou material e estabelece relações visuais ou linguísticas. Neste âmbito de leitura percebe-se a aliança entre o verbo e o ícone, onde a função visual versus função da linguagem resulta em uma função expressiva. Quando lemos remetemos a uma imagem matricial que segundo Higuete, é o arquétipo, o *schème*.

A imagem é simbólica e exige uma abordagem interpretativa, fora das definições e conceitos únicos. O método de estudo neste artigo se dá por uma hermenêutica simbólica, que trata do sentido explorando características não apenas verbais, do corpo simbólico que faz relação com a vida. Esse tipo de análise dá relevância a experiência humana trazendo o sentido simbólico do ato concreto, vivido. Partindo desse princípio, destacamos o que diz Higuete (2018), quando menciona que os estudos visuais tem sua origem na História da Arte, porém tem expressão em todas as áreas da ciências das humanidades. Ao tratar dos estudos sobre cultura visual dá ênfase sobre o surgimento de um movimento novo nos estudos visuais, chamado primeiro *pictorial turn* (W. J. T. Mitchell) e depois *iconic turn* (G. Boehm) ou virada icônica. Para ele, a nova tendência, está centrada “na noção de *Presença*, destaca-se criticamente em relação aos estudos de *Cultura visual*, mais preocupados com a inserção dos objetos visuais no espaço e no tempo culturais, sociais e políticos”. Uma Presença que remete a vida dos objetos, que desencadeia sentimentos e emoções, inclusive que retoma ao passado e em valores culturais. Ele diz ainda que:

[...] de permitir a realização de rituais e de satisfazer necessidades pessoais e coletivas. Nasce a convicção de que a experiência, antes de ser filtrada pelo médium da linguagem, nos faz aceder de modo imediato ao mundo em nossa volta. Trata-se de encontrar os objetos visuais de todo tipo – não apenas estéticos ou artísticos – em vez de interpretá-los, pois eles possuem propriedades ontológicas. As propriedades físicas – a natureza e estrutura - das imagens são tão importantes quanto a sua função social. Há uma intencionalidade e uma vida peculiar nos objetos, que nos levam a dar tanta atenção aos efeitos de presença quanto aos efeitos de significado. O mundo é ser existente antes de ser constituído por um sistema de signos. (HIGUETE, 2018, p.128)

Todas essas questões mencionadas acima são importantes em nossa opção por realizar uma Anais do II Seminário de Pesquisa do Grupo Arte, Religião e Memória - ISBN: 978-65-88106-50-1

pesquisa pautadas na leitura da imagem, no caso na representação das Mulheres choradeiras em nosso cenário amazônico, assim considerar, como nos diz Joli, (2009, p.35), ao dizer que: “Um signo possui uma materialidade da qual nos apercebemos com um ou vários dos nossos sentidos. Podemos vê-lo (um objeto, uma cor, um gesto), ouvi-lo (linguagem articulada, grito, música, ruído), cheirá-lo (diversos: perfumes, fumo), tocá-los ou ainda saboreá-los” (Joly, 2009, p. 35). O que fundamenta nosso estudo quando compreendemos que o signo é algo percebido e que a ela se atribui um significado: “são cores, calor, formas, sons, possui uma particularidade de estar lá presente para designar ou significar outra coisa ausente”.

As análises neste estudo se complementam com base na semiótica peirceana, que estuda os significados ou sentido dos signos; que esteja em correlação e significação com a sua cultura. Para tal considera-se numa leitura a: *Descrição*: descreve o que se vê, verbaliza a mensagem visual, reconhecendo todos os signos aparentes, a passagem do percebido/nomeado; *Mensagens plásticas*: a mensagem que os signos plásticos, cor, as formas, a composição e a textura; *Mensagens icônicas*: verificar as mensagens contidas nos signos icônicos, elenca os motivos e sentidos dos signos plásticos; *Mensagens linguísticas*: basicamente trata da parte escrita contida nas imagens que acompanham os signos plásticos e icônicos, dando-lhes sentido para o todo da mensagem visual.

A análise que iniciamos sobre os ritos fúnebres a partir do curta metragem Mulheres Choradeiras se apresenta a partir da seleção de alguns segmentos do Curta, e tivemos como critério os momentos principais na narrativa em que as choradeiras são chamadas para seu ofício e imagens direcionadas para o momento do velar.

A partir da seleção dos frames destacados analisamos o conteúdo da mensagem a partir do seu estudo semiótico. E consideramos importante o processo descritivo das imagens, identificado todos os elementos que compõe a cena, assim como o sentido e significado de cada elementos para o seu significado na obra. Abaixo apresentamos as imagens selecionadas.

Imagem 02: Cena Mulheres Choradas/ Curta



Fonte: Frame do Curta /Recorte da pesquisadora-2022

A imagem acima mostra a chegada das Mulheres Choradeiras diante de um chamado para atuarem. Observamos suas vestes, cor, forma. Na cena destacada estão sendo atendidas, pelo porteiro, Anais do II Seminário de Pesquisa do Grupo Arte, Religião e Memória - ISBN: 978-65-88106-50-1

que usa um boné, camisa cor azul e há um pacote sobre o balcão. Há ao fundo a presença de uma mulher junto a um menino que se aproximam com gestos de curiosidade e desconfiança. Um cenário com presença de grandes árvores. percebe-se que as mulheres esbanjam sorrisos, uma forma de felicidade. A cena seguinte, imagens 02 e 03, mostram o momento do “velar o corpo”, onde acontece o rito propriamente dito em que as Choradeiras assumem seu papel. O morto está coberto de flores brancas e amarelas e as três mulheres se encontra orando e cantando em louvor ao morto. Elas usam véus sobre as cabeças, remetendo simbolismo religioso, sobre as mãos, a Bíblia Sagrada.

Imagem 03 e 04: Cena do velório



Fonte: Frames do Curta /Recorte da pesquisadora-2022

Sobre o rito de passagem é preciso destacar que para Van Gennep (1977), nos rituais de morte, a etapa inicial é aquela em que os sobreviventes iniciam procedimentos a partir dos quais constroem e elaboram um novo status para o falecido. Está sendo realizado o velório, o cenário de uma casa. O corpo de um homem, o defunto que veste terno preto que é uma cor que remete um simbolismo social de morte para a maioria das culturas ocidental. Na imagem, sobre o corpo flores brancas e amarelas, indicio de validação do ciclo da vida, e também de fragilidade da vida e seu caráter temporário. Um homem sentado ao lado do caixão está com as mãos sobre o corpo, dirigindo-lhe as últimas palavras em sinal de reverência à memória do morto. Várias pessoas estão presentes com gestos de sofrimento e choro no velório que indicam ser os familiares e amigos. Eles se vestem decores sóbrias, escuras e seus gestos demonstram respeito. Na cena, vários castiçais com velas acesas ao redor do morto, onde há o indicativo de simbolizar o “iluminar o caminho da alma até a eternidade”, próprio de religiões cristãs. O cenário escuro, um ambiente gera um sentimento macabro, conforme a narrativa. Existem várias portas grandes e janelas e quadros na parede.

A imagem 03, o morto aparece deitado em uma mesa coberta com lençol e ensanguentado como fosse ser esquartejado, é o momento mais contundente acerca do sentido macabro e que deixa implícito o sentido simbólico entre o papel das “Choradeiras”, velar e seria também elas as que devorariam o cadáver?. A imagem 04, mostra uma bandeja já na casa das Choradeiras, contendo legumes (legumes, tomates, pimentões entre outros), como se posta uma salada e acima deles um pé, num recorte surreal: o pé do morto, aparece pronto para servir de alimento, para as Mulheres Choradeiras.

Imagem 05 e 06: Cesta com hortaliças, legumes e parte do corpo do morto



Fonte: Frame do Curta/Recorte da pesquisadora-2022

As imagens foram destacadas em ordem sequencial e na narrativa, cria uma relação de suspense para o drama. O estudo direciona seu olhar para os sentidos e significados pertinente ao imaginário amazônico e, ainda que, possamos aludir a imagem de três velhinhas que trabalham como carpideiras de velórios; elas assumem um papel crucial e até são acusadas pelo fato do desaparecimento do corpo do morto no pós velório. Cada elemento compositivo na cena e o encadeamento da narrativa imagética “sugerem” o papel das mulheres como aquelas que “encantam” e “atraem” – no caso do Curta em questão: para a morte.

Considerações finais

O estudo nos permite compreender a subjetividade presente na cultura amazônica diante de uma das manifestações contundente: o papel das mulheres carpideiras e, por mais que seja um estudo de um objeto ficcional, a compreensão de que a existência dessas personagens é presente em se falando da Amazônia paraense.

Mesmo que parcial, os resultados indicam que a análise da imagem evidencia a força dos simbolismos presente no Curta Mulheres Choradeiras se ancora fortemente na performance que as personagens constroem pelos gestos corporais e fisionômicos bem destacados nos frames selecionados. Assim como no valor simbólico da morte ou da chamada a ela, presente desde os momentos em que as Choradeiras usam o canto para hipnotizar até o momento em que celebram o morto; nas cores dos elementos do ambiente, das vestimentas e, ainda, dos objetos compositivos na espacialização e posicionamento no cenário. São construções pelas múltiplas linguagens que unem imagem, gestos, música, texto trazendo o sentido fúnebre, dramático, macabro.

Partindo das imagens analisadas do rito de morte, compreende-se que destaca a relevância a experiencia humana, praticada, de forma icônica. E nos faz entender que realizar estudo teórico sobre religião e ritos fúnebres analisando o conteúdo visual e discursivo da obra há a inquietação que a morte causa e a tentativa de encontrar um lugar em nossas vidas para algo que ainda se encontra a cima de uma explicação.

A morte é algo diante do qual ficamos perplexos, visto que, representa o desconhecido na

existência humana. Além disso, a morte do outro lado nos remete a nossa respectiva morte. Sendo assim, o caráter simbólico dos rituais, acrescentados pelos indivíduos, informa socialmente e fornece sentido à realidade, ajudando a simbolizar a morte do ente querido. E no caso do Curta Mulheres Choradeiras, ainda que de forma parcial, elucidamos um imaginário ainda ser explorado enquanto construção social de nossa cultura.

Referências:

BACHELARD, G. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria.** São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 17).

ELIADE, Mícea (1963). **Mito e realidade.** São Paulo:1963.

GENNEP, Arnold Van. **Os ritos de passagem** Petrópolis: vozes,1978.

HIGUET, In: SILVEIRA, Emerson Sena da. **Como estudar as religiões. Metodologias e estratégias.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2018

JOLY, M. **A introdução à análise da imagem.** Campinas: Papirus, 2009.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário – Belém: Cejup, 1995.**

MAUÉS, R, Heraldo. **A ilha encantada: medicina e xamanismo numa comunidade de pescadores.** Belém, EDUFPA,1990.

ORO, Ivo Pedro. **O fenômeno religioso: como entender.** São Paulo: Paulinas 2013.

6- CAUSOS, VISAGENS E ENCANTARIAS: O CASO DAS APARIÇÕES NA ILHA DE COTIJUBA -PARÁ

Raqueline Brito da Cruz
Universidade do Estado do Pará
raqueline.cruz@aluno.uepa.br

RESUMO:

Este artigo é um estudo de caso sobre causos, visagem e encantaria a partir de relato oral de um morador da ilha de Cotijuba - Pará, que relatará as aparições na ilha. O objetivo foi analisar o conteúdo dos relatos, identificando os aspectos míticos, assim como, referências da cultura amazônica, cultura popular e cabocla que permitam compreender as crenças antigas e atuais sobre as aparições e os encantados. A metodologia consiste em pesquisa de campo com coleta de relatos orais, estudo teórico acerca da temática e análise de conteúdo dos relatos, com interpretação na fundamentação teórica. Refletimos que não se esgotarão os elementos culturais das narrativas do imaginário, pois eles estão – e são – integrados à vida do povo amazônida. O que encontramos é mais uma das crenças da sabedoria do morador, que viveu no mesmo lugar e, ainda vive, é sua identidade viva e movente.

PALAVRA-CHAVE: Amazônia; Aparições; Identidade; Cultura; Encantados.

INTRODUÇÃO

O presente artigo traz o relato sobre aparições na Ilha de Cotijuba, através da entrevista com Seu Jaime, morador da ilha. Compreender essa experiência cabocla amazônica nos traz a compreensão de que o nativo possui uma profunda relação com a natureza, com o meio onde está inserido. Como falaremos dos fatos ocorridos em uma ilha, certamente abordaremos que há um isolamento do indivíduo, tendo sua vida às margens do rio, e tendo o rio como sua rua. Com isso, iremos dialogar com o escritor João de Jesus Paes Loureiro, em sua obra “Cultura Amazônica” (1995).

É importante destacar voz do morador buscando compreender seus relatos de sua vida no local onde viveu, e ainda vive, trajetórias e expressões, utilizando a obra *Entre o rio e a rua* da professora Roseli Sousa como destacamos a seguir:

A compreensão sobre a produção de saberes emergida das histórias orais está intrinsecamente relacionada à memória, à lembrança e ao esquecimento, elementos fundamentais neste trabalho para que se faça a inserção na história coletiva dos narradores e se compreenda a relação com a história do lugar (SOUSA, 2010, p. 36).

Há questões que abordaremos, também, no que diz respeito ao que o caboclo denomina de “bichos visagentos” (GALVÃO, 1955), como uma nomenclatura genérica sobre as aparições. Todavia, destacamos que diferentemente dos santos, as visagens não recebem cultos ou devoção, muito pelo contrário, o caboclo os evita. E através da leitura da obra *Santos e Visagens* de Eduardo Galvão iremos estudar como ocorre essa “interação” do caboclo e o Anais do II Seminário de Pesquisa do Grupo Arte, Religião e Memória - ISBN: 978-65-88106-50-1

sobrenatural.

Compreendemos a importância dos estudos de obra dos autores que dissertam sobre o homem amazônico, caboclo, o nativo, bem como suas culturas e suas identidades. Há peculiaridades na vida do morador da Amazônia, pois carregam consigo “traços fundamentais de sua cultura” (LOUREIRO, 1995) e foi no período colonial que se deu a formação de boa parte de nossa cultura, a cultura brasileira.

Mas, como podemos entender o que é a cultura amazônica? Se analisarmos, podemos perceber e encontrar sua cultura, sua vida em profundo relacionamento com a natureza, com o rio, a mata, os animais, podendo dizer que em primeira instância essa cultura está sob influência da cultura cabocla, como mencionamos, com um estreito relacionamento com a natureza, natureza selvagem.

Ao nos debruçarmos na historiografia literária disponível sobre o “nascimento” dessa cultura a qual estamos a abordar, podemos dizer que nasceu de uma “acumulação cultural” (LOUREIRO, 1995), advinda do colonizador, do escravo africano, dos habitantes originários também conhecidos como indígenas, da cultura nordestina, dos imigrantes. Com a chegada dos portugueses e dos escravos, depois com o período da borracha e muitos outros acontecimentos e fatos históricos ocorridos na Amazônia, hoje temos uma diversidade cultural, cultura mista, cultura amazônica.

Queremos, porém, destacar um ponto importante ao falar de identidade. O que falaremos aqui diz respeito à reflexão de autoestima, da consciência, do valor, do seu próprio reconhecimento e não deve ser confundido com o “sentido de superioridade ou pureza raciais” (LOUREIRO, 1995). O que é importante ao falar de identidade amazônica é sua relação entre ele, o homem, a sociedade, mas também com a natureza e com a história. Essa vida cabocla está inserida fortemente na história, ou melhor dizendo, essa vida cabocla é nossa história, é a história do Brasil.

MÉTODOS E PROCESSOS

Os métodos e processos metodológicos indicam uma pesquisa social com predominância aos aspectos qualitativos, onde aplicou-se pesquisa teórica acerca da temática e análise de conteúdo dos relatos; e pesquisa de campo em sua natureza descritiva e explicativa. No caso do estudo em questão, vamos estar focadas nos relatos orais do Seu Jaime da Costa Monteiro, cinquenta e seis anos, morador de Cotijuba desde seu nascimento. Seu pai também foi morador da Ilha, tendo trabalhado em um “abrigo de menores” e morreu com noventa e seis

anos. Toda sua família nasceu, morou e alguns morreram na ilha. Ao realizar as análises do conteúdo das narrativas identificamos algumas unidades de sentido no corpo da fala do Seu Jaime, que remete aos causos de visagens/encantarias/aparições, como: “lugar/território”, “memórias – paisagem antiga/atual”, “travessia” que está ligada ao rio – fluxos das águas – tempo. São elementos da cultura entranhadas na vida do ribeirinho e que mostra a intimidade com seres encantados; sua forma de aproximação com os fenômenos estudados que o faz ter conhecimento da existência de aparições.

Deste modo, este artigo apresenta os seguintes tópicos: “causos e visagens” – “memórias de um morador”, onde falaremos da ilha ao qual nasceu e vive Seu Jaime; “causos, visagens e encantarias e aparições”, aqui iremos trazer os conceitos concernentes os mencionados no título do artigo; “Cotijuba e o olhar mítico do narrador”, onde relataremos a fala e experiência do morador com os “visagentos”; e a conclusão do artigo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

CAUSOS E VISAGEM – MEMÓRIAS DE UM MORADOR

Os aspectos históricos estudados revelam que o município de Belém do Pará é rodeado por 42 ilhas, segundo o *Anuário Estatístico do Município de Belém* (SEGEP, ANUÁRIO 2020), e dentre essas ilhas temos a Ilha de Cotijuba, sendo esta ilha a terceira maior, com uma área de 15,8071 km². Para ter acesso à ilha, as embarcações saem do município de Icoaraci e está localizada a 22 km ao norte da cidade. As praias mais famosas da ilha são: Praia do Amor, Praia Vai-Quem-Quer e Praia do Farol, contando com infraestrutura como pousadas, bares e restaurantes.

O nome da ilha vem dos índios tupinambás, que tem em seu significado “trilha dourada”, que faz referência ao seu solo argiloso (G1, 2012). Em Cotijuba foi construído um educandário chamado Educandário Nogueira de Farias, onde eram recebidos meninas e meninos abandonados ou infratores da lei. Inclusive, as ruínas do educandário ainda estão à vista e são um dos atrativos turísticos do local.

Segundo o *Diário do Turismo*, a ilha possui sua economia voltada para aquilo que é a identidade do ribeirinho, a pesca. Mas eles possuem também uma agricultura de subsistência, fruticultura e o turismo (DIÁRIO DO TURISMO). É importante mencionar que em 1990 a ilha é transformada em uma Área de Proteção Ambiental, tendo sido instituída pela Lei municipal nº 5.621/1990, do município de Belém do Pará, como forma de garantir a obrigação de preservação do seu ecossistema.

Durante a pesquisa de campo pude observar que a comunidade onde mora o Seu Jaime é uma das praias mais conhecidas – das muitas outras – da ilha, a Praia Funda. Elementos locais observados dos moradores da Praia é que eles sobrevivem da pesca e do turismo, onde há hospedagem com restaurantes beira-mar. Após a travessia de Icoaraci para a ilha de Cotijuba, existe o trajeto até a Praia Funda onde você observa diversas denominações da religião cristã como uma igreja católica, evangélicas de diversas denominações. Não conseguimos identificar outras religiões, todavia, cremos que elas estejam inseridas na comunidade.

Sobre a dinâmica cultural da ilha voltadas para os aspectos da encantaria, as narrações do Seu Jaime contam que, quando ele ainda era criança – “rapazola”, na Ilha de Cotijuba havia um presídio de “menores infratores” que estudavam e viviam lá. Com o tempo aumentou a população da ilha e a criminalidade também, aumentou e o presídio que era para menores se tornou para adultos. Porém enquanto era para menores a finalidade era “abriga-los” para ressocialização, pois como nos diz Seu Jaime: “teve gente que de lá que se formou, estudou lá, se formou lá, casou lá, morou lá, morreu”.

O aumento demográfico gerou alterações na rotina da ilha. Há ainda, como registro do passado, as ruínas do presídio que seu Jaime menciona como “a carcaça lá do presídio”. Outro aspecto que alterou a paisagem da ilha foi a existência de balneários na ilha, que acarretou no aumento da criminalidade, pois ele rememora que: “[...] dantes não matavam ninguém lá, se morreram a gente não impedia, mas ninguém sabia. Mas agora virou a bandidagem tá lá liberada, a droga tá liberado.”

Seu Jaime lembra que o acesso a Cotijuba, antigamente, era através de um “barcozinho” de um morador da ilha. Ele nos conta que:

Aí você ia de madrugada, saía da sua casa duas horas, era conforme a maré, duas horas, três hora, uma hora da madrugada a gente tinha que tá no porto, pra vim pra Icoaraci fazer tudo naquele horário, que tinha que fazer que dissesse que meio-dia a gente ia ter que sair meio-dia, você tinha que estar lá porque se perdesse, só ia no outro dia.

Na voz de seu Jaime há uma percepção de que o fluxo das marés dita a dinâmica do ir e vir do morador da Ilha.

Sobre as aparições, que é meu objeto de estudo e que me faz ir novamente até a ilha conversar com Seu Jaime, posso anunciar que, na voz dele há “intimidade”, um anúncio de proximidade com a Matinta. Ele tem contato com este “ser” da mata quando caçava. Seu Jaime nos diz que “[...] tinha noite que eu ia pro mato ela...ela não ia. Mas tinha noite que eu ia pro mato ela ia também junto comigo e voltava junto comigo. Nessa noite eu não pegava nada, que ela não deixava”.

Portanto, ao tratarmos sobre “Causos, visagens e encantarias e aparições” é importante esclarecer os termos acima para compreendermos o conceito de “mítico” que este estudo aplica.

COTIJUBA E O OLHAR MÍTICO DO NARRADOR

Visagem, ou como diz Eduardo Galvão “bichos visagentos” (GALVÃO, 1955), é uma expressão utilizada forte na Amazônia para os encantados e no que diz respeito ao nosso relato, Seu Jaime menciona a Matinta Perera. Galvão fala que tal fenômeno sobrenatural não é algo existente em uma tradição católica, mas que faz “parte da religião do povo porque exprimem atitudes e relações com o sobrenatural” (GALVÃO, 1955). O “bicho visagente” é aquele que protege a mata, a floresta, os rios – se levarmos em consideração a comunidade e suas crenças, que em alguns casos são divergentes no que tange ao entendimento do sobrenatural.

Neste cenário, a conversa sobre as experiências que o seu Jaime teve com visagem, ele inicia falando da Matinta Perera. Ele diz que:

[...] eu ia pro mato, quando ia eu chegava lá no mutá, que se chama né?...subia no mutá ela começava a assoviar por lá, ao redor de mim. Aí eu pegava e descia, vinha me embora e ela vinha me deixar em casa. Eu sentia quando ela passava do meu lado, né? [...] Eu sentia que ela passou no meu lado porque eu sentia um frio. Aquele vento que passava, né? Aí ela assobiava lá na frente. Quando eu sentia aquele frio de novo, ela já estava aqui ela já assobiava aqui atrás. Aí ela me deixou em casa.

A presença da Matinta era percebida por Seu Jaime através do assovio e da sensação de frio durante o retorno dele para casa após a caça. Como a Matinta é segundo (GALVÃO, p. 107) geralmente uma mulher da comunidade. Pergunto ao seu Jaime se ele sabia quem era que o acompanhava. Ele menciona que não, diz que, falavam na comunidade que era uma mulher sem identificá-la.

Outro acontecimento narrado, é destacado quando Seu Jaime diz que na época de namoro, ainda rapaz, por volta dos dezoito anos, quando retornava da casa da namorada, que era longe ouviu um barulho e ele viu que tinha uma pessoa com calça jeans meio molhada, esfregando uma na outra fazendo um ruído e ele logo pensou que ia dar de frente com aquela aparição. Ele sabia que vinha alguém porque a claridade da noite permitia ver as nuances do caminho que se abria com a passagem daquele rapaz. Essa passagem pode ser percebida quando ele diz:

Aí eu peguei, dei o caminho pra ele...pra ele passar. E falei "Oi!" e ele não respondeu nadinha. E nesse dia todo mundo ouviu ele passar na rua. Aí veio e dobrou na rua, como quem vem do trapiche, e o papai preocupado. Aí eu cheguei em casa, o papai me deu uma esculhambação ainda, era uma hora da madrugada quando cheguei em casa. "Rapaz! Que tu tá fazendo na rua, rapaz,

uma hora dessas? O é isso que tu encontrou por aí, tu não viu um barulho por aí?

O contato com a aparição do rapaz “Calça Molhada” que foi nomeado pela comunidade, se deu na madrugada e com comunicação direta, falando com ele e, ainda, todos da comunidade ouviram. As mesmas sensações vividas com a Matinta, são expressadas quando Seu Jaime fala ao pai da aparição:

[...] um homem baixinho ali, gelado, passando do meu lado muito frio frio frio...bem aqui do meu lado, foi desse lado aqui (lado esquerdo) ficou frio mesmo, quase ele esfrega o ombro no meu. Dei as horas pra ele, e ele não se respondeu nada e foi embora. Eu não fiz nada e...também olhei pra trás e fui embora. Também não sei se era nada...pra mim era porquê.

Na comunidade todos se conheciam e quando havia um acontecimento de aparições se buscava saber se era alguém conhecido. Algumas manifestações muito comuns sobre as aparições e encantarias, na voz de Seu Jaime, ocorrem quando o morador saía para caça; quando se escutava os ruídos na mata na madrugada silenciada. Ele diz que “todo barulho que você faz de dia, aí você vai pra mata assim de noite e fica calma. Meia noite você escuta grito, você ouve vozes, assobio, música, tudo, gemido.”

Outro aspecto a ser destacado nas vivencias de Seu Jaime é a percepção de que ao entorno das aparições existiam os fenômenos de reverberação dia-noite em relação aos sons, “barulho”. Segundo Seu Jaime “o que a pessoa faz de dia, fica o som dentro da mata de noite”. Para ele a pessoa que tem medo acolhe esses sons como algo sobrenatural e/ou “visagento”.

Sobre a relação entre os causos e visagens narradas e a história da cidade, em considerando a existência do presídio na localidade e as prováveis mortes de presos por lá, seu Jaime não vê relações, inclusive menciona que se houvesse mesmo visagem ninguém moraria nas proximidades do presídio. A afirmativa é manifestava quando relata que:

É, tem muita casa, tem aqueles pessoal que fica ali naquela praça até essas horas da noite, e ninguém fala nada. Então eu acho que...lá não aparece nada não.
Aí hoje, você anda lá e você não vê gemido nem na mata...aumentou muita gente ali.

CONCLUSÃO

As narrativas analisadas revelam que o que se conta é o que se vive, ou seja, considera-se o que o morador lê de sua realidade e envolve as tramas vividas em coletividade. O que encontramos é o ancoramento nas crenças da sabedoria do morador, que viveu no mesmo lugar e, ainda vive, sua identidade viva e movente envolto em aparições e encantarias.

Todavia, esse morador não está aquém das alterações sofridas ao longo dos anos. Aos

cinquenta e três anos morando na ilha de Cotijuba, seu Jaime demonstra que seu local sofreu alteração não só os aspectos populacional, mas principalmente as questões ambientais com a presença de turistas que alteram a dinâmica da ilha com sons, “barulhos” e gerando poluição.

Sua percepção demonstra que há mudança com relação aos “bichos visagentos” afirmando que em sua época diziam que a Matinta Perera era uma mulher onde a mesma não passou seus conhecimentos adiante, desaparecendo essas aparições da Matinta. Anuncia que essas aparições desapareceram porque eram pessoas mais velhas e foram morrendo e não estão sendo substituídas.

REFERÊNCIAS

Anuário Estatístico do Município de Belém. Disponível em: <https://anuario.belem.pa.gov.br/>. Acessado: 22 dez. 2022.

ATZINGEN, Paulo. **Cotijuba: uma ilha-paráíso para quem busca sombra e água fresca.** Disponível em: <https://diariodoturismo.com.br/cotijuba-uma-ilha-paraiso-para-quem-busca-sombra-e-agua-fresca/>. Acessado: 22 out. 2022.

G1. **Perto de Belém, ilha de Cotijuba possui 15 km de praias.** Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2016/07/perto-de-belem-ilha-de-cotijuba-possui-15-km-de-praias.html>. Acessado: 22 out. 2022.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá; Amazonas.** Companhia Editora Nacional. São Paulo, SP: Brasiliense, 1955.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário.** Belém, PA: Cejup, 1995.

MONTEIRO, Glauce. **Ilha em Belém é destino inexplorado em plena região metropolitana.** Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2012/07/ilha-em-belem-e-destino-inexplorado-em-plena-regiao-metropolitana.html>. Acessado: 22 out. 2022.

SOUSA, Roseli. **Entre o rio e a rua: cartografia de saberes artístico-culturais da Ilha de Caratateua.** Belém, PA: EDUEPA, 2010.

7- O REIKI: COMPLEXO DE TERAPIAS HOLÍSTICAS E CONCEITOS DENTRO DA ESPIRITUALIDADE DA NOVA ERA

Jackline Karla Reis dos Reis
Universidade do Estado do Pará
jackline.reis@aluno.uepa.br

RESUMO

Este artigo trata da técnica do Reiki e tem como objetivo analisar esta técnica milenar, também conhecida na espiritualidade terapêutica contemporânea, caracterizada como prática integrativa e utilizada para equilibrar, aliviar as dores e os sintomas do corpo físico e emocional. A técnica é feita através da imposição das mãos ou pela utilização dos símbolos do Reiki, que funcionando como canalizador e transmissor da energia universal, promove o equilíbrio energético e o bem-estar. A metodologia de estudo centra-se na pesquisa teórica de natureza descritiva e explicativa a partir da revisão de literatura, que nos permite conhecer o Reiki como método utilizado como uma forma de terapia complementar, nas questões da saúde e cura. Os principais autores que fundamentam são: manual do Dr. Mikao Usui (2003), De'Carli, (2006), assim como a discussão simbólica e religiosa recorremos a Eliade (2002) e Hervieu-Léger (2008) que nos permite compreender que o Reiki também é utilizado como espiritual com as dimensões baseadas na matéria e no espírito. Contudo a natureza do Reiki entende-se por suas concepções voltadas para a paz e o amor incondicional com o intuito de transcendência mental e espiritualmente. Os resultados esperados foram descrever a complexidade da dinâmica místico esotéricas do Reiki, em sua potencialidade como um caminho do despertar da consciência incorporada em prática alternativas, e como se integram como corrente filosófica na difusão holística religiosa na nova era (New Age).

Palavras-chave: Cura; Energia; Espiritualidade; Universo.

INTRODUÇÃO

A partir de 2017 no Brasil, as Práticas Integrativas e Complementares integram a atenção à saúde no Sistema Único de Saúde, são caracterizadas como ações de saúde capazes de assistir um indivíduo de forma integral. A literatura sobre o tema indica que o Reiki é um sistema natural de terapia vibracional energética, que mantém e recupera a saúde, agindo sobre o corpo todo, com o intuito de equilibrar as emoções. A indicação do Reiki se debruça nos cuidados de infortúnios como: depressão e outros distúrbios de ordem emocional e psíquica, além de problemas de natureza física como tensões musculares etc. O Reiki desempenha um papel de condutor e difusor da energia universal, através de uma imposição de mãos, visando proporcionar equilíbrio de energias que é fundamental mental e fisicamente.

Ao mencionar o que é fundamental para o bem-estar físico e psíquico, torna-se importante ressaltar o que falamos acerca da espiritualidade³: fala-se da dimensão do ser humano, tal como biológica, psicológica e social. Levando em consideração que na atualidade ocorre transição de novos paradigmas que contribui ao refletir com o reconhecimento de que “o todo está nas partes assim como as partes estão no todo”, uma convivência de relações inclusivas, pluralistas, que valorizam a alteridade por meio da vivência de práticas, oriundas da filosofia ocidental.

O presente trabalho analisa a aplicação do Reiki como um fenômeno místico, que preconiza a existência de corpos sutis⁴, um modo de relacionar-se com a espiritualidade, apesar de ser desvinculado da religião ele condiciona o homem a um caminho missionário sincronizado em curar o espírito e o corpo levando luz, harmonia e amor com as próprias mãos, nesta perspectiva dos métodos alternativos e integrativos, que debruça-se acerca do cuidado de si, olhar para si mesmo “ a conversão do olhar” em busca da cura, da transformação, fazendo florescer de uma nova espiritualidade.

Para estabelecer uma relação entre o Reiki e o sagrado, partindo do princípio no qual a religião faz seu caminho através da evocação, sacralidade e da teologia, o sagrado está o profano, se encontra manifestado através de um fenômeno religioso. Pode-se dizer que, “para aqueles que têm uma experiência religiosa, toda a Natureza é suscetível de revelar-se como sacralidade cósmica. O Cosmos, na sua totalidade, pode tornar-se uma hierofania”.⁵

As questões anunciadas tratam do objeto em estudo nesta pesquisa - o Reiki e, atendendo ao que nosso objetivo se propôs, concentramos em analisar esta técnica milenar, também conhecida na espiritualidade terapêutica contemporânea, portanto as questões que seguem desenvolvem a temática e buscam caracterizá-la.

Ao adentrar nos estudos da literatura acerca do objeto em estudo evidenciamos que, neste início do século XXI, a secularização das sociedades ocidentais, ganhou grande avanço, para a espiritualidade, em um movimento cujos precedentes conceitos, podem ser vistos a partir

³ Nos fundamentamos no conceito de espiritualidade como sendo uma busca por valores e metas que vão para além da dimensão material, perpassada por uma procura por um sentido na vida, transformação da pessoa e do meio em que está inserida, e abertura à transcendência do eu.

⁴ Segundo Feuerstein (2006, p. 427), “o corpo sutil é um envoltório relacionado ao corpo físico, mas” ...que não é feito de matéria grosseira, mas de uma substância, mas refinada. Uma energia. A “Anatomia” e a “Fisiologia” dessa imagem suprafísica chamado “corpo astral” ou “corpo sutil” (Súkshama-Sharíra), são os objetos dos yogues, principalmente das tradições que vem do antigo texto sagrado pós védicos da Índia.

⁵ ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 13.

da “revolução da ciência do século XVII, no Iluminismo” e no aparecimento das Ciências Humanas no século XIX, que culminaram novas tendências que se consolidaram no Ocidente no século XX.

Na pesquisa do embate central, o Reiki se navegou ao encontro da integralidade do ser, levando em consideração a terapia como sistema de princípios, símbolos sintonizadores através de energias vibracionais, sobre os centros conhecidos como "pontos sutis" e do que é tido como corpo espiritual (Essência), que é o princípio inteligente do ser. É um método de técnicas humanoterapêuticas integrativas, provinda do "ocidente", de conhecimento e sabedoria oriental propriamente uma das ramificações do budismo *Qigong chinês*, onde possui influências do Xintoísmo japonês. Porém, a verdadeira história de suas origens nunca foi traduzida para nenhuma língua.

MAS O QUE É O REIKI?

O Reiki, se mostra como prática de transmissão de energias, configurando-se como exercício da dimensão espiritual, quando podemos alegar que prega a compaixão por todos os seres vivos, a não violência inclusive para com os animais, o amor sem apego e a ajuda ao próximo, o que se torna fundamental a importância curadora em nome do amor e da humildade fosse levada a várias pessoas ao aprender o método e se tornar agentes multiplicadores. Enquanto palavra “Reiki” significa energia vital universal, entende-se o seu sufixo “REI-/universal”, e quando se refere a parte da essência energética cósmica que é presente em tudo, relaciona-se com o “KI/energia primordial universal” que envolve nossos corpos, os agentes que fluem dentro de nós, e nos mantem vivos.

Essa energia constitui a base da construção dessa técnica curativa. O Reiki apresenta-se como uma experiência⁶ da consciência estrutural senso-perceptiva, presentes na Fenomenologia do Espírito. Ou seja, quando a consciência é atingida no momento de sua experiência a verdade se torna plenamente consciente, “a essência do Em si, mas é também o Em si para a consciência”. Ou seja, o Reiki é um caminho de Iluminação. O Reikiano começa a mudar seus padrões de pensamento, começa a interiorizar suas emoções e pensamentos a fim de abrir a mente, corpo e espírito para receber essa energia com o intuito de transcendermos mental e espiritualmente. Para o Reiki a correspondência do saber o resultado da “verdade

⁶ Um movimento dialético onde a consciência realiza em si mesma, tanto no seu saber quanto no seu objeto, enquanto, a partir dele, o novo objeto verdadeiro surgindo para a consciência mesma, é chamado propriamente experiência (Erfahrung)” (HEGEL, 1996, p. 339).

absoluta”, é a iluminação, e a cura, a libertação é o resultado, ela transcende a si mesma, ou, nas palavras de Hegel:

Pois a consciência distingue algo de si e ao mesmo tempo se relaciona com ele; Ou, exprimindo de outro modo, ele é algo para a consciência. O aspecto determinado desse relacionar se – ou do ser algo para uma consciência – é o saber. Nós porém distinguimos desse ser para um outro o serem si; o que é relacionado com o saber também se distingue dele e se põe como *essente*, mesmo fora dessa relação: o lado desse Em-si chama-se verdade (HEGEL, 2002, p. 77 e 78).

O REIKI COMO CURA FUNDAMENTAL:

O Reiki é uma forma de cura através da energia universal inesgotável do infinito, sua energia não é positiva nem negativa ela está presente em todo o universo, é vibracional. Tem uma qualidade divina e por isso nada exclui. Essa energia flui na forma concentrada e intensa através de técnicas baseados nos três pilares do Reiki: *Gassho*, *Reiji-Ho* e *Chiryō*, o termo *Gassho* tem o seu significado “duas mãos postas” que funcionam como fenômenos energéticos, com a finalidade de fonte de luz, canal transmissor.

O essencial é a ação mental, que promove o equilíbrio energético. Na terapia *reikiana*, essa ação estará agindo, tanto no curador quanto no receptor, que tem com o objetivo de curar ou aliviar a dor, sobre pontos do corpo os Chacras e a Aura que concentram uma grande quantidade de energia, esses pontos são denominados como *chakras*⁷, que são centros energéticos localizados no corpo humano, que estão em movimento circulatório contínuo e vibrante, e podem ser chamados, também, de centros de força, cada um possui uma cor que dividem: coronário, frontal, laríngeo, cardíaco, do plexo solar, sexual e básico. A aura, assim como os chacras, é possível ver o reflexo da alma, mostrando sua intensidade ou densidade através da cor e do tamanho de seus raios de luz.

O conjunto de símbolos sagrados que formam o sistema religioso que faz parte não só do imaginário popular, mas também faz parte do dia a dia como um reflexo de conduta, para um bom resultado, que caracterizam-se como base fundamental da experiência vivida pelos agentes *reikianos*, a partir de cada toque de cura da energia extraída do Universo é direto do Cosmo e transmitida através de suas mãos: *cho-ku-rei*, à cura do corpo físico, *sei-he-ki*, equilíbrio emocional e *hon-sha-ze-sho-nen* e o último à harmonização espiritual. Foram os

⁷ A palavra *chakra* tem origem no idioma sânscrito e significa ou círculo ou roda. São centros de força que captam, armazenam e distribuem energia vital no nosso corpo. MIKAO, Usui. *Original Reiki Handbook*. [S. l.]: Lotus Press, 2003.

símbolos quais Usui em sua experiência espiritual visualizou e são utilizados para a transmissão de energia de cura mediante a terapia Reiki (DE'CARLI, 2006).

O estudo aponta que, acerca dos estados de consciência, a cada iniciação, o transmissor de energia ganha maior conhecimento e força, adquirindo, assim consideravelmente a capacidade de canalização poder e experiência própria, pode ser aplicado a distância e uma energia universal e atemporal seu poder cósmico independe do plano espacial e tempo passado ou futuro, possibilitando a atuação direta do *reikiano* no Planeta benéfico para todos. Aquele que trata um doente nunca utiliza sua própria energia, nem se contamina com as energias negativas do receptor, serve como canal ao mesmo tempo que está aplicando está recebendo energias curativas do universo. Algumas percebem cores, veem desenhos, outras chegam até a relembrar vidas passadas, constituindo-se praticamente capacidade é aumentada de potencial de energia emocional, mental e cármico com intuito de atingir a cura em níveis mais altos.

REIKI COMO ESPIRITUALIDADE:

Considerando uma nova concepção de vida e bem-estar do ser humano, lembrando que o ser humano é físico, biológico, psíquico, cultural, social, histórico – acrescentaríamos, ainda – espiritual, se faz necessário fortalecer uma grande diversidade na maneira pela qual se dá essa busca pelo entendimento daquilo que é misterioso. O autor Johnny De'Carli⁸ em seus livros sobre o Reiki, engendra a diversidade de pensamento e técnicas na maneira de interpretação e ensino.

Em seu texto, De'Carli afirma que a nova metodologia produziu disputas, despeito, críticas, oposições e discursões sobre a plausibilidades de seus métodos. De'Carli enfatiza a importância da vivência humana é um caminho e que precisa ser trilhado com um objetivo de buscarmos o despertar de nossa consciência, como primeiro passo e a busca pelo conhecimento e depois tornando-se um canal para a paz e o amor incondicional, o “Caminho do Reiki” (Reiki-Dô), faz necessário o conhecimento em todos os quatro níveis, a falta de maturidade, o desconhecimento técnico, mesmo que dotado de bons costumes, não pode e não deve ser considerada um bom *reikiano* ou Mestre de Reiki. De acordo De'Carli (2014, p. 21), em seu livro Reiki Universal:

Fazendo uso da energia Reiki, matemos e recuperamos a saúde física, emocional, mental e espiritual. É um método natural de equilíbrio, restauração e aperfeiçoamento de todos os corpos, gerando um estado de harmonia. A

⁸ Livro - REIKI: Amor, Saúde e Transformação - Johnny De' Carli. Sistema Tradicional Japonês - escreveu que "muitos resolveram 'melhorar' a técnica, criando sistemas 'x' ou 'y' de Reiki.

energia Reiki melhora o sistema imunológico, desintoxica, equilibra e amplia nossa energia. [...] direciona-se à origem dos problemas, que são emocionais.

É possível afirmar que o estudo da espiritualidade é tão antigo quanto o início do processo de sistematização do conhecimento por parte do ser humano, sendo este um desafio, portanto, determinar o fato é que se mostra enquanto uma necessidade inerente ao ser humano como busca de um entendimento daquilo que o transcende, a energia como frequência vibratória existe desde o princípio da civilização.

Pode-se concluir a partir das literaturas estudadas, que o pensamento impregnado da espiritualidade faz do Reiki uma mistura de divino e de humano. Nessa religião mercantil sem prática religiosa aparente, as raízes orientais, o Reiki vai perdendo sua origem, principalmente quando chega ao Brasil, ganhando outras formas de transcendência que se revelam nas suas relações e infinitas associações no quesito da espiritualidade (fugindo contexto histórico original aplicável), principalmente quando é exercido por grupos especializados que se constituem como empresas.

Sabemos hoje que certos mitos e símbolos circulam pelo mundo, propagados por certos tipos de cultura - ou seja, que esses mitos e símbolos não são descobertas espontâneas do homem arcaico, mas criações de um complexo cultural bem delimitado, elaborado e veiculado por certas sociedades humanas. (ELIADE, 2002, p. 30).

O Reiki está amplamente difundido no meio do axé, a técnica são comumente seguidos por terreiros na Umbanda Esotérica, sintetiza um fluxo cultural africano/cristã, dentro de um movimento religioso esotéricos, “magísticos” e científicos, que cabem confortavelmente nos ritos praticados nos terreiros de Umbanda, onde possui um conjunto de particularidades nas suas bases de ritos e crenças, ao se tratar de uma religião dotadas de vertentes evolutivas na questão espiritual e, sendo a Umbanda universalista, na cura pelo Reiki, existe a ação com as energias Cósmicas ligada diretamente através de Mestres orientais. Na Umbanda são através dos espíritos e entidades que se manifestam através da incorporação com a missão de prestar a transmissão de vibração de cura do universo. Essa energia receptora, vem através orações manifestada pelos médiuns, através dos caboclos, pretos velhos e ciganos, instrumentos de ancoragem do magico/religioso dentro Umbanda para intuindo e direcionar a doação de energia através do passe magnético.

A prática do Reiki na Umbanda Esotérica se caracteriza, pelas possibilidades ritualística religiosa, bastante simbólica sincrética e diversidade, com fortes traços marcantes na doutrina e no ritual afro-brasileira, carregando um discurso moderado de uma estrutura eclesiástica, além da incorporação dos elementos indígenas. Existe um arsenal de instrumentos utilizados na

intercorrência de cada caso a procura da cura através da prática do Reiki. Dentre essas as possibilidades destaca-se uma pluralidade de possibilidades em e arranjos que se mostram ainda mais sutis, percebidos às formas, composições ornamentação de elementos dos próprios centros que em muito recordam a organização de alguns rituais da Wicca.

Outro âmbito espiritual que destacamos é o Reiki Xamânico, baseado nas vivências indígenas e tribais milenares e na que são passadas de gerações para gerações. Seu ritual diferencia-se por se inspirar no estilo de vida dos xamãs, ao colocar o ser humano como parte integrante da natureza, neste caso, existindo uma integralidade com o cosmo como um Todo, ou seja, com todas as demais formas de vida no planeta em equilíbrio, e integrado com amor. Nesta visão de mundo, o amor é equilíbrio, respeito a tudo que nos cerca, sejam humanos, animais, plantas, flores, pedras. O Reiki Xamânico age a partir dos quatro elementos naturais: água, terra, fogo e ar, bem como símbolos de cura.

Além de promover a junção das energias do Reiki com os elementos da natureza, essa técnica de cura utilizada também utiliza também vários outros meios, ritualísticos do próprio xamanismo para a obtenção da cura em seus trabalhos, agregando o uso de ervas medicinais, defumações, cristais, pedras e cantos iniciáticos. Dentro do Reiki Xamânico existem outras variações: Da cultura indígena norte-americana Reiki - Ma'heo'ó; Grande Espírito ou Deus. O Reiki Xamânico AmaDeus “Amor de Deus” – Nhanderúvuçú em Guarani, dos nativos originários do Brasil. E o Reiki Angatú é um sistema de cura que utiliza a energia vital “Ki” absorvida das matas, rios e animais e a clarividência contra energias negativas, elementais, encontrados nos chacras.

O Reiki Xamânico Estelar⁹ prática nativa, modifica o sistema energético e as memórias gravadas nas células dos chacras, além de trabalhar fortemente com o despertar da consciência, sua ativação é a partir da emissão de um mantra específico, dando vida a um ritual que possibilita a visualização símbolos únicos, que não possuem nomes muito específicos.

Não é possível captar a energia *reikiana* para o mal ou cometer falhas no uso, já que esta é usada através de captação e redistribuição no corpo em prol de um equilíbrio ao invés de ser imposta. A exemplo da iluminação mix budística/cristã/mediunidade, há o encontro de possibilidade de comprovação de experiência feita por um terceiro sujeito, que adota uma perspectiva mais espacial com a alma, e uma comunicação com efeitos sinestésicos, tornando possível perceber os movimentos musculares, por meio dos estímulos do próprio organismo.

⁹ Fonte: Ama Deus Shamanic Healing, pág. 11.

A prática do Reiki no espiritismo é realizada através da fenomenologia mediúmica dentro da perspectiva de uma ciência espírita, onde se baseia nos elementos ontológicos e metafísicos, uma sintonização de energia através da comunicação do homem com seres do mundo sobrenatural. Acredita-se que esse esclarecimento é fornecido pelos próprios Espíritos que atuam na prática da manipulação bioenergética disponibilizada a partir do Reiki, vinda do plano Astral, pelos próprios espíritos, portadores de energia espiritual magnética, que segundo De'Carli essa “energia pessoal bipolar” (ou yin e yang), são geradas pelo corpo, é conhecida como Chi (pelos chineses) ou Ki (pelos japoneses). Para usar essa energia, o indivíduo não precisa ser iniciado no Reiki.¹⁰

A energia Reiki vem diretamente da mais alta Fonte Espiritual e as iniciações devem, portanto, ser tratadas com o maior respeito. A sintonização é um presente, um verdadeiro milagre. A iniciação no método Reiki, quando um novo reikiano é despertado, é um ritual sagrado de grande beleza. (De'CARLI, 2014, p. 107).¹¹

Segundo a denominação dada por Allan Kardec, na questão do “fato espírita”, é a “Ciência da Alma”, do conhecimento humano, os espíritos atuam na prática e o ser humano como espírito encarnado, melhorando seus níveis vibracionais e transformando-o em instrumento para captar essa energia da melhor forma possível. *A energia cósmica é inteligente* cujo desenvolvimento continua no futuro com o conhecimento de dados cada vez mais extensos, a doutrina espírita promovida pela terapia com Reiki. Acredita-se que o uso da frequência e sua qualidade seja evolutiva, na forma de merecimento pelo aprendizado e entendimento da doutrina, esse recebimento é doado pelos próprios Espíritos, como resultado desejado. Dessa forma, buscam transmitir com mais preparo e propriedade todos os conhecimentos e valores moral dos espíritos superiores, atribuindo os ensinamentos no “Livro dos Médiuns” e “O Evangelho Segundo o Espiritismo”¹² as práticas do Reiki e a responsabilidade pelas curas.

Dentro desta concepção, existe um modelo de hierarquia celestial, atuando na evolução dos seres vivos da Terra na procuram de trazer a cada ser humano à de mente e sentimento, para que possa libertar-se e integrá-la ao UM. Neste princípio o que prevalecem sobre tudo o que existe no Universo infinito, em toda a sua extensão, para que se cumpra a Vontade Divina

¹⁰ Livro - REIKI: Amor, Saúde e Transformação - Johnny De' Carli. Sistema Tradicional Japonês - escreveu que "muitos resolveram 'melhorar' a técnica, criando sistemas 'x' ou 'y' de Reiki.

¹¹ De'Carli. Johnny REIKI: Amor, Saúde e Transformação - Sistema Tradicional Japonês - Editora: Nascente, 2017.

¹² Obra de Allan Kardec, lançada em abril de 1864, que avalia os evangelhos canônicos sob a óptica da Doutrina Espírita, tratando com atenção especial a aplicação dos princípios da moral cristã e de questões de ordem religiosa como a da prece e da caridade.

grande família chamada humanidade. É composta por Mestres Ascensionados, Chohans, Anjos, Arcanjos, Elohins, Logos, Manus, Serafins, Querubins, Devas e Elementais que são os auxiliares e mensageiros cósmicos de Deus.

A religião sempre foi considerada, um conjunto de ideias necessárias e que contribuía para o desenvolvimento da humanidade. Assim acreditava, porém, a magnitude dos avanços da consciência, contudo que promovem avanços significativos na consciência humana, e que por vezes são convertidas em cura holística, coaduna com tais práticas existentes dentro do reiki e quiçá se configura como exercício da dimensão espiritual, apresentado ou não a qualquer tipo de denominação religiosa. Neste caso, o fator fé não tem a menor relevância, nesta relação de troca de energia, onde estabelece relações humanas saudáveis.

Não se fala apenas aqui de advento de lógica racionalista, ou do pensamento objetivista da ciência, mas de uma renovação espiritual do homem moderno, que constitua indelevelmente a propagação de ensinamentos espirituais, contribuindo para o retorno da simbologia, que não só transcende, mas também concede e ganha sempre uma nova roupagem na construção da paz e no uso constante de energias que qualifiquem o ser humano como instrumento de expansão da consciência para além do ego, desintoxicando e harmonizando a frequência vibratória do corpo que organiza o mundo. Diante de contextos como o presente, é compreensível que os esforços práticos e científicos estejam focados nos aspectos biológicos da doença em questões que sustentam o programa de reiki, que inclui esta prática como tratamentos para os pacientes, profissionais de saúde e membros da comunidade.

A saúde mental é parte fundamental da saúde, sendo atingida quando o indivíduo tem o poder de realizar suas próprias escolhas, exerce seu papel na sociedade e na economia atuando em suas questões cotidianas, onde com o isolamento a saúde mental e o bem-estar deixam de ser atingidos pela população, sendo necessário medidas de proteção e promoção destes direitos para a população (OMS, 2017).

O Reiki por se tratar de energia inteligente, fluidificada e vibracional¹³ quer seja feita de aplicação no local ou mesmo à distância¹⁴, como terapia complementar apresentou resultados significativos, na qualidade de vida do ser humano em níveis físico, mental, emocional e energético ao mesmo tempo, os afetados principalmente em ocasiões como o isolamento social e pandêmico, principalmente quando as medidas de controle preconizadas afetaram a população

¹³ A medicina que estuda que estuda aspectos de saúde e doenças considerando formas e frequentas de energias vibratórias o sistema de energia humana multidimensional.

¹⁴ Torna-se necessário que o reikiano esteja sintonizado ao do nível do 02 para o trabalho a distância ou no tempo, no passado ou no futuro.

pois foi determinante para o equilíbrio das energias do corpo; ampliando a consciência pessoal e facilita os estados meditativos; relaxa e reduz o stress; estimula a criatividade; potencializa a energia vital em muitas dimensões das condições de vida e de saúde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As sociedades modernas conseqüentemente entram num processo crescente de secularização que cada vez mais possui como característica a capacidade de retirar o contexto original de diversos elementos culturais, fazer novos arranjos, determinado novas compreensões, flexibilizando a abertura para novas interpretações e fenômenos do sagrado, emergindo assim, novos movimentos holísticos dentro do tradicionalismo e da própria religião, caracterizando um “circuito neo-esotérico”¹⁵, que compreende essa nova a espiritualidade, que busca os "valores alternativos", onde os novos paradigmas de conhecimento são pautado na transformação, e na ressignificação do ser humano no sentido da vida pessoal e no meio social, incluindo ainda, um estado de consciência aberto à transcendência do eu uno que expressa através da experiência mística.

A modernidade gera, a autonomia do sujeito e a diferenciação das instituições, em consequência desses fatores, há uma proliferação de oferta nos diferentes segmentos do religioso dentro de uma sociedade. O Reiki tem um processo evolutivo, que pode se afirmar através de uma analogia de bricolagem espiritual¹⁶, um modo de religiosidade autoconstruída a partir de vários fragmentos (união de vários elementos culturais para a formação de uma identidade e narrativa próprias), mas não precisam estar ligados aos tradicionais universos simbólicos¹⁷, pois são paralelos aos sua própria cadeia de semiótica que apresentam características, símbolos e valores distintos que formam um cenário diferenciado das formas seculares, culturais e “espirituais”

¹⁵ Centros alternativos ‘holísticos’, ‘Esotéricos’, ‘Místicos’ ‘Neo-Esos’ José Guilherme Cantor Magnani, *Mystica Urbe*. Um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na Metrópole.

¹⁶ Surgiu nos Estados Unidos, na década de 1950, com a sugestão "do it yourself" ("faça você mesmo") antropologia, Claude Lévi-Strauss (em *O pensamento selvagem*) usou o termo bricolagem para descrever uma ação espontânea que inclui padrões característicos do pensamento mitológico, o qual não obedece ao rigor do pensamento científico.

¹⁷ HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis: Vozes, 2008.p. 49.

REFERÊNCIAS

DE'CARLI, Johnny **REIKI: Amor, Saúde e Transformação - Sistema Tradicional Japonês** - Editora: Nascente, 2017.

DE'CARLI, J. **Reiki universal**. São Paulo: Madras, 2006.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**; tradução Rogério Fernandes. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes; 2008 b.

_____ **Imagens e Símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 13.

HEGEL, Georg W. F. **A Fenomenologia do espírito**. In: HEGEL. Tradução. Paulo Meneses. 7ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido: a religião em movimento**. Petrópolis: Vozes, 2008.

LEVI-STRAUSS, C. **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Mystica Urbe: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole**. São Paulo, Studio Nobel, 1999.

MIKAO, Usui. **Original reiki Handbook**. [S. l.]: Lotus Press, 2003.

MONTEIRO, Luiz F. C. **O âmbito do transcendente: o sagrado e o símbolo como elementos da vivência religiosa**. [Artigo científico]. Revista Científico. Faculdade Ruy Barbosa, Ano IV, volume II. (Especial Boa Morte). Disponível em: www.frb.br/ciente/Impressa/Psi/2004.2/BMLupi.pdf. Acesso em 12 nov. 2022. 18h17min.

OLIVEIRA, Amurabi. **A Nova Era com Axé: umbanda esotérica e esoterismo umbandista no Brasil**. Revista Pós Ciências Sociais. Manual de Reiki do Dr. Mikao Usui Df. Mikao Usui Frank A. Petter - Editora Pensamento. Terceira Civilização Seikyo, ed. 407, 01 jul. 2002

8- RITUAIS RELIGIOSOS FAMILIARES E HISTÓRIAS DE VIDA EM CENÁRIO PANDÊMICO

Thayanara de Souza Duarte
Bolsista de Iniciação Científica da FAPESPA-UEPA
Thaynara.dsduarte@aluno.uepa.br

Fernando Adlly Kauffmann Negrão
Discente Voluntário da Pesquisa/UEPA
fernandokauffmannnegrao@gmail.com

Maria Roseli Sousa Santos
Orientadora da Pesquisa/UEPA
mroselisousa@uepa.br

Mariana Ximenes – pesquisadora voluntária
(Escola de Aplicação – EA/UFPA)
marianaximenes@ufpa.br

RESUMO:

A pesquisa trata dos rituais familiares de religiões de culto centrado na natureza como Candomblé, Wicca e Religiões de linha Ayausqueira (Daime/União do Vegetal) a considerar o cenário pós pandemia, objetivando mapear as mudanças geradas nas dinâmicas dos praticantes em relação aos ritos. As teorias tratam do fenômeno religioso e seus ritos. A metodologia remete a pesquisa narrativa com análise de conteúdo das histórias de vida. Os resultados apontam que as práticas religiosas foram alteradas na pandemia da Covid-19, gerando adaptações, restrição ao convívio coletivo impedindo a aglomeração como as festas religiosas e ritos de confinamento. Alternativas geradas indicam reuniões e celebrações online, encontro de pequenos grupos nucleares nas casas.

PALAVRAS-CHAVE: Pandemia; Ritos; Religião; História de vida

INTRODUÇÃO

Os ritos religiosos familiares estudados nesta pesquisa são compreendidos como aqueles ritos celebrados no coletivo; compreendidos como marcadores de um tempo praticado coletivamente no núcleo familiar e comunidade religiosa de pertencimento e comportam uma simbologia que corporificam as tradições. Autores como Jung (1972) que trata da presença dose rituais nas culturas humanas, da mesma forma Von Franz (1981) afirma que rituais como transição da infância para a vida adulta, nascimento, casamento, ou mesmo, ritos que configuram a apresentação da pessoa a sua comunidade. Gennep (2011) enfatiza que o rito concede autoridade e legitimidade para organizar a posição, o valor e as visões de mundo do sujeito.

Baseados em Gennep (2011) e Fiamenghi (2002), utilizamos das tipologias: a) Rituais de celebração; b) Rituais de libertação; c) Rituais de transformação, para organizar os resultados que consiste em analisar como as famílias viveram seus rituais, a considerar que o recorte

temporal se dá no período de 2020 a 2021 com a manifestação da Covid 19. O Estudo envolveu um segmento religioso da linha de religiões Ayahuasqueiras, outra do candomblé e ainda, a Wicca, que também é conhecida como religião da Deusa a partir de histórias coletadas com praticantes que vivenciam a religião entre cinco a dez anos.

As religiões da linha ayahuasqueira, são práticas conectadas à natureza e que procuram guiar os seus adeptos no caminho do autoconhecimento através da beberagem de um chá psicoativo¹. Ayahuasca é o nome bruto dado ao chá utilizada nos ritos da religião, podendo tal palavra ser traduzida como “cipó dos espíritos” (ALBUQUERQUE, 2010), é feito a partir da infusão de duas plantas amazônicas sendo ela *cipó-jagube* e o *arbusto-chacrona* (também chamada de folha da rainha). Já o Candomblé, vem de um período anterior ao aparecimento das religiões do vegetal, é uma religião afro-brasileira, trazidas ao Brasil por populações negras escravizadas vindas de países da África Ocidental, como Nigéria, Benin e Togo. É uma religião em que se pratica o culto de divindades chamadas orixás, com referência, ao século XIX e formado a partir de tradições religiosas africanas de povos iorubás. E as relações que estabelecem com a natureza se dá na cosmovisão que centra os elementos naturais em seus rituais e nos cultos e suas relações direta com os Orixás.

Diferente dos dois primeiros campos religiosos, a outra vertente religiosa deste estudo é a Wicca que é uma religião neopagã e estabelece uma ligação continua com o passado. Nesta religião teremos duas divindades como centrais: a Deusa é associada à terra, às águas e à lua. O Deus é associado ao sol, ao céu, aos animais e à vegetação. Eles representam princípios opostos, mas complementares” (OSÓRIO, 2011, p.52). A Wicca é uma religião sacerdotal, misteriosa e de culto a Deusa Tríplice, que nasceu na Inglaterra em 1952, com Gerald Gardner, quando este publicou seu livro “Witchcraft Today”. Foi o período da revogação da última lei da inquisição e que a bruxaria deixava de ser crime. E foi adentrando vários países, inclusive o Brasil que hoje se encontra consolidado a considerar que já existe há mais de 20 anos (BEZERRA, 2019). É uma religião com ligação total à natureza através de seus ciclos sazonais e que remetem aos ciclos biológicos de nascimento, vida e morte e renascimento e que estão diretamente ligados aos mistérios *wiccanianos*, assim como a maioria de seus ritos remetem a esses ciclos, seja o rito de unção, *Wiccaning*, ritual de puberdade, *Handfast*, ritual de ancianidade e o *Réquiem* que são mencionados pelas sacerdotisas e sacerdote deste estudo.

OBJETIVO(S)

Geral: Mapear as novas formas de viver os ritos de passagem de três segmentos de

tradições religiosas centradas no culto a natureza, como Candomblé, Wicca e Daime, diante da pandemia covid-19.

Específicos - realizar estudos teóricos sobre o tema em banco de dados da UEPA, bibliotecas de periódicos virtuais e instituições acadêmicas na área das Ciências da Religião e afins; realizar coleta de relatos orais de história de vida temática de forma online via vídeo através das plataformas de videoconferência ou serviço de comunicação por vídeo e cartografar os relatos; analisar o conteúdo dos relatos identificando as unidades de sentidos que remetem as mudanças e adequações dos rituais religiosos familiares; sistematizar em relatórios parciais e final e os resultados das análises dispor os dados coletados em forma de artigo. Socializar os resultados parciais e final em eventos acadêmicos e não acadêmicos com publicações em anais de eventos e periódicos da área das Ciências da Religião e afins

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa foi centrada na análise do conteúdo (BARDIN, 2011) das histórias de vida de praticantes de três segmentos religiosos (Candomblé, Wicca e Religiões Ayahuasqueira (Daime /União do Vegetal) que possuem a natureza como elemento de seus ritos. Por orientação de uma das praticantes, reorientamos a referência à religião Daime para “Religiões de linha Ayahuasqueira para nos referir às práticas desse segmento, posto que das três entrevistadas apenas uma é efetivamente Daime e as duas possuem em suas vertentes a unificação Daime/União do Vegetal.

A metodologia proposta se estruturou nas seguintes etapas: os estudos teóricos e aplicação da técnica para levantamento de dados através de banco de dados de instituições acadêmicas e afins ocorreu de forma exitosa; coleta de relatos orais/história de vida temática com técnica de campo – realizada online via plataformas Meet ou zoom por agendamento junto aos religiosos. Foram realizadas reuniões com pesquisadores remotamente através de videochamada, no último ano, presencialmente. Elaboração dos quadros/ cartografia dos ritos de passagens presente nas narrativas e análise dos relatos com identificação dos resultados. Sistematização dos resultados e socialização em eventos científicos foram realizadas online.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo apontou que as práticas religiosas dos diversos segmentos foram diretamente alteradas diante da pandemia da Covid-19, gerando adaptações que incluem: restrição ao convívio coletivo impedindo a aglomeração como as festas religiosas e ritos que implicariam

manterem-se por muitas horas ou dias confinados. Alternativas geradas indicam reuniões e celebrações online, encontro de pequenos grupos nucleares da casa.

São nove praticantes (professores, atrizes, contador, artesã) que vivenciam a religião entre cinco a dez anos. Todos eles possuem em seio familiar consanguínea uma diversidade religiosa. Porém, os ritos familiares, foco deste estudo e que ocorrem nem sempre com os pares consanguíneos, mas também com o núcleo da comunidade religiosa que, igualmente, são nomeados por estes de “família”.

Sobre as religiões Ayahuasqueiras as entrevistadas demonstraram sentir a natureza como chamado para sagrado e se encontraram no Santo Daime após passar por alguns momentos difíceis em suas respectivas vidas. Relataram que já haviam frequentado diversas outras religiões de diversas outras vertentes (seja do cristianismo ou não; tais como Wicca, Umbanda e etc.) que aos poucos delinearão suas opiniões e influenciaram suas vidas. A entrevistada 2- (YG) e entrevistada 3 – (PG) são irmãs que seguem vertentes distintas, PG – frequenta o Centro de unificação Rosa Azul- chamada pela sigla, CURA, e PG é Daimista. Além das duas, uma terceira irmã também foi “fardada no Santo Daime”. A maioria dos ritos familiares de passagens são fundados em práticas cristãs. Como os batismos e casamentos que ocorrem ao final das sessões. E durante o período pandêmico adaptaram as dinâmicas coletivas e as práticas restringiram-se ao núcleo familiar e vividos nas casas.

Os praticantes do Candomblé - Tambor de Mina e Nação Jeje Savalu, Povo Fon, mencionam que sofreram mudanças significativas em suas dinâmicas durante a pandemia, mantiveram apenas atividades sem os festejos. Foram voltando aos poucos, respeitando as regras: carteira de vacina e a máscara. Que enfrentaram comportamentos de entidade que não gostam de usar máscara. Entre os ritos familiares destacou-se um batismo de uma criança e um rito fúnebre, destacando que: o rito fúnebre – “é a cerimônia chamada Axexê que é a cerimônia que vai preparar a casa né? Vai levantar o os fundamentos, vai levantar todos aqueles fundamentos que serviam aquele Pai de Santo”. No batismo a criança é preparado com banho e defumação com cânticos e tem um padrinho e madrinha que pode ser alguém da casa ou entidade. Houve restrição de ritos e declinando até para a manutenção do terreiro porque alguns pais e mães vivem de valores que arrecadam dos ritos e na pandemia tiveram que vender algumas coisas para poder continuar mantendo aquilo ali. A pandemia trouxe a questão de perdas, o apoio e o acolhimento.

Para sacerdotisas e sacerdote da Wicca (Religião da Deusa), as atividades se mantiveram *online*. As práticas rituais dos wiccanianas no período foram ritos de passagens vividos em sua

comunidade pelas sacerdotisa e sacerdote do Coven Pássaros de Cy, da Tradição Diânica do Brasil-TDB e uma sacerdotisa do Coven Filhos de Freya consistiram em: ritual de apresentação da criança aos deuses, chamado por eles de wiccaning; porém mencionam também o ritual da menarca (meninas) e o ritual de Apolo (meninos); os ritos de reconsecração do ventre e do falo; o handfasting (casamento), rito da ancianidade e entre outros, o ritual fúnebre, que é o Réquiem. Não excluindo os ritos de cura, proteção.

Os relatos mostram que é possível afirmar que os ritos típicos desse período a considerar as inúmeras perdas advindas do acometimento da Covid 19, e diante da significação simbólica, foram os ritos de passagem de “separação” (preliminares) que, para Fiamenghi (2002), são ritos de libertação, pois expressam o desprendimento de emoções dolorosas, auxiliam o senso de proximidade e compartilhar. A de se considerar que Turner (1974) menciona que um ‘rito de passagem’ ou de “transição” caracterizam-se por três fases: separação, margem (ou “limen”, significando “limiar” em latim) e agregação. E cada grupo específico constrói sua significação. Podemos exemplificar, como foi o caso da celebração de apresentação aos deuses e nomeação da criança. São ritos que evidenciam fases de separação e de incorporação à sociabilidade, sendo que entre estas há um período liminar, marginal ou fronteiro. Eles rompem a ideia de aspectos universais e indica a relação direcionada ao coletivo (GENNEP, 2011).

Entre as novas formas encontradas pelos praticantes estudados indicam que foi unanime orientarem seus adeptos na religião a protegerem-se na pandemia fazendo o protocolo e tomando a vacina e todos os demais cuidados pessoais e coletivos.

CONCLUSÃO

O surto da pandemia durante o período 2020-2022 (no qual tiveram as primeiras ondas da doença) isolou grande parte da população brasileira e matou também boa parte da população, logo foram necessárias medidas preventivas para se evitar a proliferação ainda mais do covid-19, e uma dessas medidas foi o isolamento (quarentena) o que acabou por deixar boa parte dos cidadãos sem nenhum contato com o exterior e outras pessoas que não fossem as que morassem com os mesmos. Destarte, as religiões destes estudos foram afetadas, especialmente por terem a aglomeração como parte da dimensão ritual, reunindo diversas pessoas em um mesmo ambiente.

Nas análises dos conteúdos das histórias de vida foi possível identificar categorias unificadoras dos ritos familiares que consistiram em: Natureza e sagrado/espiritualidade; ancestralidade; fortalecimento do legado religioso.

Os ritos de passagens mapeados indicam que houve alterações na dimensão de sociabilidade das celebrações, restringindo a convivência e impondo a adaptação de estruturas e formas de realização do ritual que, entre 2020 e 2021 em sua maioria realizou-se de forma remota e com mínimo de celebração presencial que, ainda assim, eram restritas a um núcleo religioso.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L.(2011). **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70.

BEZERRA, Karina. **Wicca no Brasil: magia, adesão e permanência**. São Paulo, SP: Fonte, 2019.

DURKHEIM, Émile. **Formas elementares da vida religiosa**. São Paulo, SP: Paulus, 2003.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano: As essências das religiões**. 4. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2018.

ELIADE, Mircea. **Historia das crenças e das ideias religiosas**, volume I: da Idade da Pedra aos mistérios de Elêusis. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

FIAMENGHI, Geraldo A. Rituais familiares: alternativas para a re-união das famílias. **Psicol. teor. prat.** [online]. 2002, vol.4, n.2 [citado 2021-10-06], pp. 25-29 .

GENNEP, A. V. **Os ritos de passagem**. 2. ed. Trad. Mariano Ferreira. Petrópolis, RJ: Vozes,

2011 JUNG, C. G. (1986). **O desenvolvimento da personalidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1972.

VON FRANZ, M. L. (1990). **A interpretação dos contos de fadas**. São Paulo, SP: Paulus, 1981.

TURNER, Víctor W.. Liminaridade e "Commúnitas". In: TURNER, Víctor W.. **O Processo Ritual: Estrutura e Antiestrutura**. Tradução de Nancy Campi de Castro. Petrópolis, RJ: Vozes, 1974.

SANTOS, M. R. S. **Oralidade, performance e representações sociais** – Catolicismo popular e neopaganismo In: Como estudar as religiões : metodologias e estratégias / Emerson Sena da Silveira, (organizador). – Petrópolis, RJ : Vozes, 2018

9- MUROS SAGRADOS: EXPRESSÕES SAGRADAS NOS GRAFITIS DA CIDADE DE BELÉM-PA

Luiz Henrique Patrício Xavier
Henryxavier122@gmail.com

RESUMO:

Belém é uma cidade marcada por um calendário litúrgico. Em outubro há o Círio, que é uma festa popular religiosa. O Círio é conhecido por ser a maior festa religiosa do mundo. A festa possui o objetivo de homenagear a Virgem de Nazaré, mãe de Jesus. Os devotos da santa vão às ruas pagar promessas, agradecer as graças alcançadas, pedir bençãos, causas impossíveis, curas etc., a cidade toda se envolve na festa direta e indiretamente. A cidade de Belém para, as lojas fecham mais cedo, a cidade é decorada, tudo isso para sinalizar que é Círio outro vez. Dentro desse processo, há os grafites que expressam a religiosidade local da cidade. A arte de grafitar se refere a todo desenho que esteja grafado no ambiente urbano e que se configure como produto imagético, político, crítico, estético, poético ou visual da cidade. Em Belém, é possível notar que os muros da cidade formam uma galeria de arte a céu aberto. As artes expostas nos muros de Belém mexem com o imaginário ao retratar vários temas e elementos da cultura paraense. Esse estudo trata sobre as expressões sagradas com foco na figura mariana presente nos grafites em Belém-PA. O presente estudo expõe o levantamento imagético obtido a partir de um estudo de campo, feito com o auxílio de uma câmera fotográfica. O estudo não possui resultado definitivo, pois, encontra-se em construção. É um estudo da área das linguagens da religião, mais precisamente, da cultura visual religiosa.

Palavras-Chave: Cultura Visual; Artes Visuais; Grafite; Sagrado.

INTRODUÇÃO

O ser humano estabelece suas comunicações através da linguagem. A linguagem é utilizada para expor seus sentimentos, suas vontades, suas ideias. A linguagem se manifesta através dos próprios sentidos, tato, olfato, paladar e visão. Ver, é um ato fácil, sem muito esforço, que nos permite captar elementos do ambiente em que estamos, reconhecer pessoas, nos orientar etc. Assim, é possível captar informações visuais, imagéticas e buscar compreender o que nos cerca. O que constitui o ato de ver é a própria linguagem, o que nos permite compreender uma certa identidade. Logo, também nos permite construir uma cultura visual. Cultura visual é o modo como nos organizamos visualmente, e como as imagens nos afetam (HENDERS, 2020). Logo, também há a possibilidade de criar uma cultura visual religiosa, que é o estudo de como as religiões acontecem visualmente (HENDERS, 2020).

Esse texto é sobre um estudo dos grafites que possuem expressão religiosa na cidade de Belém, PA e que a partir desses grafites, é possível compreender a existência de uma cultura visual religiosa. O estudo encontra-se em construção no interior do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da PPGCR/UEPA. Esse ensaio possui o intuito de compartilhar os registros obtidos durante um trabalho de campo, com objeto de investigar os grafites que

Anais do II Seminário de Pesquisa do Grupo Arte, Religião e Memória - ISBN: 978-65-88106-50-1

expressam certa religiosidade. Os registros foram feitos durante os meses de julho e outubro. Houve demarcação de quatro bairros: Nazaré, Reduto, Cidade Velha e Sacramento. Para fazer o registro utilizamos câmera fotográfica e câmera do celular. Os registros traduzem a imagem mariana a partir do olhar de artistas grafiteiros.

BELÉM E O CÍRIO: PINTANDO OS MUROS

O Círio de Nazaré é uma festa popular religiosa que acontece na segunda semana de outubro em Belém do Pará. É conhecido por ser a maior festa religiosa do mundo. A festa possui o objetivo de homenagear a Virgem de Nazaré, mãe de Jesus. Os devotos da santa vão às ruas pagar promessas, agradecer as graças alcançadas, pedir bençãos, causas impossíveis, curas etc., a cidade toda se envolve na festa direta e indiretamente. A cidade de Belém para, as lojas fecham mais cedo, a cidade é decorada, tudo isso para sinalizar que é Círio outro vez. No centro, é possível vermos expressões artísticas que simbolizam o povo paraense homenageando Nossa Senhora de Nazaré, dentre os mais variados tipos de homenagem, estão os muros da cidade.

Dentro da esfera do muralismo, está o grafite. Etimologicamente a palavra grafite (de origem italiana) significa “escritas feitas com carvão”. O grafite é uma expressão artística que se insere na categoria de arte mural. A arte do grafite surge a partir do movimento hip hop, que nasce nos Estados Unidos nos anos 1970 com o intuito de externalizar as dificuldades sociais da periferia (LEITE, 2013). Em Belém, a prática da grafiteagem surge nos anos 1990 juntamente com o movimento hip hop. A arte de grafitar se refere a todo desenho que esteja grafado no ambiente urbano e que se configure como produto imagético, político, crítico, estético, poético ou visual da cidade (BARROS, 2012).

Em Belém, é possível notar que os muros da cidade formam uma galeria de arte a céu aberto. As artes expostas nos muros de Belém mexem com o imaginário ao retratar vários temas e elementos da cultura paraense. Um desses elementos é o Círio de Nazaré. É inegável a existência de uma cultura visual que retrate a expressão do sagrado inspirada no Círio de Nazaré a partir dos grafites em Belém.

GRAFITES: LEVANTAMENTOS A PARTIR DO OLHAR

Os avanços estão presentes no levantamento de obras que compõe o atual cenário do tema estabelecido, na leitura de autores e obras que dialogam com o projeto, o que resulta em uma revisão de literatura. Além disso, foi realizado o levantamento e mapeamento dos grafites.

Neste ensaio, trago o foco para o levantamento das obras que foram registradas.

A partir do ato ver, enxerguei os grafites presentes em Belém-PA como objeto de pesquisa. Esses grafites traduzem o imaginário de uma religiosidade local que é o Círio de Nazaré. Atualmente, o levantamento foi feito em três bairros distintos da cidade. A maioria desses grafismos estão presentes, geralmente, nos locais onde ocorre o trajeto da imagem peregrina, na Av. Nazaré, Presidente Vargas, na subida da praça Dom Freie Caetano mais conhecida como Praça Sé (Cidade Velha). Outro local que não faz parte desse trajeto, é o muro da Escola Catarina Labouré, na Av. Senador Lemos, bairro da Sacramenta.

Para este ensaio trago apenas quatro fotografia dos levantamentos feitos, pois, não é possível adicionar todo o material coletado em um ensaio. Então, opto por uma imagem de cada bairro mapeado. As três primeiras imagens que disponho nesse ensaio foram levantados em julho de 2022, algumas fotografias foram tiradas com o auxílio de câmera fotográfica, e outras utilizei a câmera do celular. A última fotografia foi realizada em outubro. Para esse ensaio trago apenas as imagens com foco na figura de Maria. Como podemos ver abaixo:

Figura 1 - Av. Presidente Vargas



Figura 2 - Av. Municipalidade



Figura 8 - Avenida Senador Lemos



Figura 9 - Rua Padre Champagnat, Cidade Velha



CONCLUSÃO

Era o propósito desse ensaio expor um dos avanços nesse estudo em desenvolvimento, percebe-se o grande número de objeto a ser analisado. O avanço do estudo está presente nas leituras, mas não é o foco do ensaio. Além do avanço no levantamento dessas obras. Ainda não é possível estabelecer resultados definitivos nesse estudo, bem como análise do material levantado, que ainda se encontra em desenvolvimento. Mas é possível captar algumas questões, como, por exemplo, há certa efemeridade nesses grafites? o que leva um artista a grafitar essas expressões marianas?

Além disso, esse ensaio sinaliza a existência de uma cultura visual religiosa na cidade de Belém presente no próprio grafite. O olhar do artista está traduzido na própria pintura. O que responderá essas e outras questões será a análise do material coletado articulado com a teoria. Também é possível concluir que os estudos contemporâneos sobre cultura visual religiosa colaboram ao expor os diferentes objetos, conceitos, teorias e métodos no campo das ciências da religião, mais especificamente em estudos de linguagem da religião.

REFERÊNCIAS

BARROS, ERNA R. L. R. **Os muros também falam: grafite: as ruas como lugares de representação.** Dissertação PPGMM. Campinas, SP, 2012.

DONDIS, A. Donis. **Sintaxe da linguagem visual**. 3. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2015.

FERREIRA, Leila C. L. "**E ai, vai ficar de toca? Cola com nós!**": lata na mão, grafiteiros na rua, arte nas paredes: a juventude grafiteira em Belém. Dissertação PPGCS. Belém, 2013.

MENDONÇA, K. M. L.; RENDERS, H.; HIGUET, E. A.. (Org.). **Religião e cultura visual no Brasil**: desafios e métodos. Belém, PA: EDUEPA, 2020.

PRAZERES, W. S. A Representação impressa de Nossa Senhora de Nazaré: o cartaz do Círio como forma de identidade regional paraense e memória visual. In: Katia Mendonça; Helio Figueiredo da Serra Netto; Irene de Jesus Silva. (Org.). **Imagem, arte, ética e sociedade**: Percursos da Pesquisa. 1ed. Belém/Pa: Marques Editora, 2020, v. 1, p. 210-229.

10- ESPIRITUALIDADES ECOLÓGICAS E AMBIENTALISMOS: APROPRIAÇÃO DOS SABERES TRADICIONAIS EM PRÁTICAS DE SACRALIZAÇÃO DA NATUREZA

Jessias de Freitas Fernandes Neto
Universidade do Estado do Pará,
jessiasneto@gmail.com

Daniela Cordovil Corrêa dos Santos
Universidade do Estado do Pará,
daniela.cordovil@gmail.com

RESUMO:

Essa pesquisa é um estudo de práticas místicas e esotéricas de sacralização da natureza, entre adeptos de saberes esotéricos no meio urbano. A metodologia aplicada está sustentada no estudo teórico e na etnografia digital em rede sociais sem abandonar a tradição etnográfica percorridas ao longo dos anos. O campo ao invés de ser presencial passa a ser virtual, revelando mais uma possibilidade de pesquisa descrevendo espiritualidades ecológicas e práticas contemporâneas de sacralização da natureza estudando a apropriação destes saberes. Foi possível analisar as relações que os membros entrevistados de grupos de *Whatsapp* possuem revelando uma relação de trocas sob a natureza como uma fornecedora de energia. Os resultados indicam em sua maioria indicam que a natureza é acessada para o acesso de fornecimento de energia para garantir o resultado de operações mística e esotéricas no meio urbano

PALAVRAS-CHAVE: Espiritualidades; Nova Era; Etnografia Digital; *Whatsapp*.

INTRODUÇÃO

Em um mundo digitalizado a pesquisa veio a desenvolver um estudo de análise de sacralização da natureza em meio urbano, utilizando-se de uma etnografia digital em grupos de *Whatsapp*, onde buscou-se compreender suas dinâmicas, quem são seus participantes e como compreendem a relação entre espiritualidade e ecologia.

Os grupos analisados foram *Ciências, Ocultas e Goetia; Livros Esoterismo, magias; Recanto da Bruxa e Corvo Branco*, voltados a discussão e compartilhamento de saberes de espiritualidades, onde há o uso de elementos atrelados a natureza em que o meio ambiente passa a ser considerado como uma fonte de força para a prática mágica.

Estudar e descrever espiritualidades ecológicas compreendidas como práticas espiritualistas contemporâneas baseadas em práticas de sacralização da natureza inspiradas em povos e comunidades tradicionais, estudando seus saberes tradicionais suas práticas e possíveis impactos.

Estudar as apropriações de práticas e saberes dos povos tradicionais com relação ao meio ambiente por grupos urbanos com o uso de leituras propostas, analisando discursos e práticas de espiritualidades ecológicas na cultura, na arte e na mídia contemporânea com influência de

um ativismo ambiental, verificando possíveis impactos destas cosmovisões ecológicas para a sensibilização de grupos urbanos para a questão e educação ambiental.

Em vez de uma etnografia em campo real passa-se a ser estudadas comunidades em campo virtual realizando uma etnografia digital analisando a atuação dos grupos pela internet, mas especificamente no aplicativo de mensagens instantâneas *Whatsapp*, analisando a dinâmica entre os participantes compartilhando seus saberes espiritualistas, naturais, religiosos e esotéricos.

Foi usada uma etnografia digital, pois em nossa contemporaneidade temos várias transformações e o social acaba por se mesclar ao virtual exigindo metodologias para adaptar a diferentes personalidades sócio virtuais, realizando leituras histórico-epistemológicas facilitando o estudo em outras plataformas (FERRAZ, 2019, p. 53), em um campo que nos abre para várias possibilidades fazendo necessário o conhecimento prévio da tradição percorrida pela etnografia e seus métodos (DE OLIVEIRA, 2018, p. 197), sendo que foram feitas quatro entrevistas, direcionadas aos administradores dos grupos.

MATERIAIS E MÉTODOS UTILIZADOS

Em meio a um cenário de transformações em uma busca de práticas antigas a hegemonia da cristandade e questionando a mesma, surge um movimento de “contracultura” contribuindo para o crescimento das religiões de “Nova Era” (CORDOVIL, 2014, p. 117 - 118), questionando o patriarcado destacando a presença da mulher no cristianismo e em outras espiritualidades atuais e antigas (CORDOVIL, 2016, p. 126 - 127)

Os grupos analisados foram *Ciências, Ocultas e Goetia; Livros Esoterismo, magias; Recanto da Bruxa e Corvo Branco*, em cada grupo há posicionamentos sobre a arte mágica, somada ao uso de elementos ligados a natureza, o que pode nos apontar uma importância do meio ambiente para os resultados de determinadas operações, uma vez que na natureza existem seres chamados de Elementais, forças da natureza ligadas aos quatro elementos, ar, água, terra e fogo, podendo ser usados pelos praticantes da magia (BLAVATSKY, 2019, p. 86).

Usando da etnografia digital foi observado as dinâmicas presentes nos grupos de *Whatsapp*, analisando-os, havendo várias vertentes espiritualistas, com manifestações relacionadas ao meio ambiente, mas nem sempre apresentam uma militância para a área ecológica, mas quando mencionadas há práticas que envolvem plantas, cristais ou seres ligados a natureza com atribuições místicas ou materiais de leitura específicos.

Foram entrevistas quatro entrevistas com os administradores de cada grupo, porém não

obtive contato com alguma liderança do grupo *Ciências ocultas e goetia*, porém consegui entrevistar um membro. No discurso dos entrevistados a magia se faz presente atrelada ao meio ambiente e em uma tentativa de operar manipulações sobre a natureza a qual funciona sobre por meio de duas leis: similaridade e contato, a primeira afirma que semelhante atrai semelhante e a segunda uma vez em contato sempre em contato, conceitos presentes em rituais, velas, banhos palavras e entonação de voz (FRAZER apud DE LUCA, DE SENNA, 2021, p. 129).

Dentre os entrevistados a maior parte não apresentava uma postura concreta de militância em defesa ao meio ambiente, salvo uma exceção no grupo *Livros de esoterismo e magia* em que sua administradora chega a participar de uma ONG de distribuição de sementes, mas devido a mudança da capital São Paulo para o interior ela não participa mais. Em meio a religiões de Nova Era a Natureza é considerada como uma fonte de energia a qual a uma relação de trocas entre corpo e natureza (MARINA, 2010, p. 13 - 14) e durante o estudo houve esta relação de trocas entre os participantes e entrevistados sobre a natureza.

CONCLUSÃO

As práticas ecológicas existentes nos grupos de Whatsapp e a relação de seus participantes com elementos atrelados a natureza estão presentes no campo virtual, em que temos práticas urbanas místicas e esotéricas acessos a natureza para buscar materiais e meios, os quais vão garantir o sucesso de suas operações. As mídias sociais, em específico o *Whatsapp* nos apresentam um local fornecedor de possibilidades para futuras produções na área religiosa, espiritualista, ecológica e etnográfica.

As entrevistas apresentaram conteúdos e vivências em relação ao que cada entrevistado prática, ao mesmo tempo que fornece breves saberes sobre como é sua relação com a natureza somada ao que a internet em especial as redes sociais são capazes de fazer na socialização de saberes místicos e naturais, sendo a etnografia digital um novo campo para ser pensado e estudado, em relação ao Whatsapp chega-se a identificar uma praticante que possuía uma militância ecológica, pois chegou a participar de uma ONG que distribuía sementes, em meio a entrevistas onde o que mais se apresentavam era a noção de natureza como uma fonte de energia para as operações místicas/esotéricas a serem realizadas.

REFERÊNCIAS

BLAVATSKY, **Ísis sem Véu**: Uma Chave-Mestra para os Mistérios da Ciência e da Teologia Antigas e Modernas. São Paulo: Pensamento, 1991.

BRÜGGER, Paula. Nós e os Outros Animais: Especismo, Veganismo e Educação Ambiental. **Linhas Críticas**, Universidade de Brasília, vol. 15, n. 29, p. 197-214, jul-dez, 2009.

CORDOVIL, Daniela. CASTRO, Dannel Teles de. Espiritualidades Holísticas na Metrópole da Amazônia: presença e expansão de Religiões de Nova Era em Belém, Pará. **Estudos de Religião**, v. 28, n. 2, p. 115-137, jul.-dez. 2014.

CORDOVIL, Daniela. Espiritualidades Feministas: Relações de Gênero e Padrões de Família entre adeptos da Wicca e do Candomblé no Brasil. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Centros de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, Edição Eletrônica: <http://journals.openedition.org/rccs/6410>, n. 110, p. 117 – 140, setembro, 2016.

COMUNELLO, Leuciele Nardi. CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Ecovilas: Aprendizagens, Espiritualidade e Ecologia. Universidad Nacional de Misiones, Avá. **Revista de Antropologia**, n. 27, 2015, p. 81-99.

CORDOVIL, Daniela. Representações e discursos sobre Amazônia na arte contemporânea: análise da cobertura jornalística sobre o trabalho dos artistas-xamãs. CIVITAS, Representações e discursos sobre Amazônia na arte contemporânea: análise da cobertura jornalística sobre o trabalho dos artistas-xamãs | **Civitas - Revista de Ciências Sociais** (puers.br), v. 20 n. 2 p. 210 – 220, agosto, 2020.

DE LUCA, Taissa Tavernard. DE SENA, Fábio Oliveira. As magias de Amor: Das Notícias Históricas aos Sortilégios Realizados nos Terreiros de Belém. **Caminhos**, Goiânia, v. 19, p.120-140, 2021.

DE LASCARIZ, Gilberto. **Ritos e Mistérios Secretos do Wicca: Um Estudo Esotérico do Wicca Tradicional**. São Paulo, SP: Madras, 2017.

FERNANDES, Saulo Conde. Xamanismo e neoxamanismo no circuito do consumo ritual das medicinas da floresta. SciELO - Brasil - Xamanismo e neoxamanismo no circuito do consumo ritual das medicinas da floresta Xamanismo e neoxamanismo no circuito do consumo ritual das medicinas da floresta. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, ano 24, n. 51, p. 289-314, maio/ago. 2018.

FERRAZ, Cláudia Pereira. A etnografia digital e os fundamentos da Antropologia para estudos em redes on-line. **Revista de arte, mídia e política**, São Paul, vol.12, n.35. p.46-69, jun/set. 2019.

OLIVEIRA, Irabel Lago. Etnografia digital: o uso das TIC na pesquisa social, novos métodos de observar as tecnologias, a Internet e a pesquisa social. **Revista Tabuleiro de Letras**, PPGEL – Salvador, vol. 12, n.1, jun. 2018.

INICIADOS, Três. **O Caibalion**. São Paulo, SP: Pensamento, 1978.

11- O QUE RESTOU DO SER? UMA ANÁLISE SOBRE O PERÍODO PÓS PANDÊMICO A PARTIR DA ÓTICA DE BYUNG-CHUL HAN

Daniela Pereira Corrêa,
Universidade Estadual do Pará,
daniela.correa@aluno.uepa.br

RESUMO:

No livro *A sociedade paliativa de* (2021) de Byung-Chul Han temos a descrição de uma sociedade atual que encara a dor como algo hostil e como sinônimo de fraqueza, portanto, uma sociedade que nega a dor. Fruto de uma concepção neoliberal, fez surgir o *sujeito do desempenho* o qual, coisificando a felicidade, a partir do aliciamento do imaginário do operário, com o intuito de consumir mais, como uma falsa promessa que garantisse a ele um desempenho mais elevado. Paralelo a isso, temos enfrentado o mundo pós-covid 19, onde as dores se multiplicaram. O lockdown, a quarentena, fizeram o indivíduo compreender que o campo da positividade neoliberal é oco e que no lugar da ascensão social e econômica é distribuído sistematicamente doenças neuronais, cansaço e fadigas em todos os aspectos da vida. A liberdade neoliberal constata, portanto, uma leitura paradoxal. Sendo assim, o resultado foi a multiplicação de indivíduos desmotivados, sobrecarregados pelo hiperdesempenho das pressões internas geradas pelo próprio sujeito, reconhecendo o vazio existencial e como a positividade neoliberal é oca.

Palavras chaves: neoliberalismo; pós-covid; sujeito do desempenho.

INTRODUÇÃO

Em seu livro “A sociedade paliativa” o filósofo sul-coreano, Byung-Chul Han (2021), traz como ponto de discussão a nossa sociedade contemporânea, sociedade esta que trata a dor como algo hostil, como sinônimo de fraqueza, portanto como algo a ser evitado. Toda esta realidade é pautada perante ao modo em que estamos instruídos a viver: a sociedade neoliberal. E porque o modo de vida propagado pelo neoliberalismo é tão prejudicial dentro do ponto de vista, principalmente, social? Justamente porque ele prega a individualidade acima de tudo e a competitividade entre os sujeitos, ou seja, a sociedade neoliberal vem permitindo que os sujeitos históricos entendam a exploração do capital sobre o trabalho como algo naturalmente constituído, como se fosse da própria essência da natureza humana agirmos pensando unicamente em si e no nosso esforço perante ao objetivo a ser alcançado, e o seu posterior sucesso ou fracasso se deve unicamente de seu esforço ao trabalho e sendo possível a promoção do bem comum com ações voluntárias, independentemente das condições socioeconômicas e das relações de poder existentes.

Ou seja, para Han vivemos em uma época que a dor não tem vez, uma época em que a positividade impera, que busca a todo o momento excluir a negatividade. A dor é pura negatividade. A ideologia neoliberal da dita resiliência transforma as experiências traumáticas em catalisadores para o aumento do desempenho, criando a sociedade paliativa, pois a “dor” é mascarada por uma falsa ideia de positividade. Com base nisso, a sociedade paliativa coincide

com a sociedade do desempenho, pois já que a dor é vista como um sinal de fracasso, ela é algo que, portanto, deve ser evitada, ocultada, por meio da otimização. Ela não é compatível com o desempenho. O sofrer é visto como algo passivo, portanto, não tem lugar dentro da sociedade ativa, dominada pelo esforço pessoal.

A sociedade paliativa, além disso, é uma sociedade do curtir. O analgésico do presente são os *likes* distribuídos pelas mídias sociais. A forte exposição virtual perante o sofrimento e a resiliência, gerada posterior a isso, gerou motivo de superação da dor, reviravolta, onde o indivíduo aparece permanentemente feliz, mas para isso, ele conta com a ajuda dos *likes*, da exposição frente ao sofrimento, garantindo a ilusão de um bem-estar alisado, isto é, desinteressado com o outro, apenas interessado a si próprio.

Dentro dessa concepção do neoliberalismo e de sua positividade tóxica acima explanada, já podemos presumir uma sociedade esgotada, cansada, presa nessa falsa ideia de liberdade que o neoliberalismo propõe, mas a discussão aqui é: por que o sujeito, de fato, só reconheceu esse cansaço exacerbado no pós-covid? O que de fato mudou para as pessoas se reconhecerem cansadas?

Durante a pandemia, todas as nossas atividades presenciais tiveram que ser encerradas, dada a urgência da propagação global do vírus e, assim, trouxe à tona o chamado *home office*, que numa tradução literal seria o trabalho sendo realizado em casa (que mais abertamente é mais *office* do que *home*). Nessa prática, o homem tem suas relações de produção intensificadas e massificadas, onde o trabalhador vai se encontrar em uma pseudoliberalidade, isso porque ele pode escolher a roupa que ele vai vestir, a hora que ele vai iniciar o trabalho, porém, em compensação, isso acaba triplicando sua jornada de trabalho, porque agora tudo depende dele, é o lema posto pela positividade: eu quero, eu posso, eu consigo, basta se esforçar.

O sujeito sem perceber, é mais coagido nessa sociedade atual, a do desempenho, do que na sociedade disciplinar (século XVIII-XX) descrita pelo filósofo Michel Foucault, onde nesta, seria o espaço social de exercício predominante de práticas, uso de instrumentos e técnicas, além de níveis de aplicação que comportem a possibilidade do disciplinamento, isto é, a vigilância contínua para padronização e controle dos corpos, tornando os indivíduos dóceis. A diferença é que a sociedade disciplinar era muito clara quanto a esse tipo de dominação de poder. Aqui na sociedade do desempenho, os indivíduos são explorados, achando que possuem liberdade, quando na realidade exploram a si mesmos, sem a necessidade de outros artifícios como era feito na sociedade disciplinar.

Com isso, o indivíduo cada vez mais exausto pela falta de limite de trabalho se vê mais

ainda cansado pela ausência das redes de apoio e o aumento da hiperexposição à luzes e telas.

Na opinião de Han, os indivíduos se esgotam com as videoconferências permanentes, que nos transformam em vídeo-zumbis e nos obriga a olharmos o tempo todo no espelho, ou seja, fazendo esse paralelo de contemplar a si próprio na tela do celular, criando uma comunicação unilateral e limitada, tal como se tivéssemos a nos falar consigo mesmos.

Tudo isso reflete a sociedade do desempenho, termo que Han vai utilizar para nos categorizar. Sujeito este que coisifica a felicidade, a partir desse aliciamento do imaginário do operário, com o intuito de consumir mais, como uma falsa promessa que garantisse a ele um desempenho mais elevado, nos tornando ao mesmo tempo senhores e escravos de si, alimentando essa falsa ideia de que de fato possuímos alguma liberdade e que estamos nos realizando perante ela, quando na verdade, como já dito acima, o sujeito explora a si mesmo.

No *lockdown* e na quarentena, durante a pandemia, o indivíduo meio que num esforço obrigatório, forçou-se a compreender que o campo da positividade é oco e que no lugar da ascensão social e econômica é distribuído sistematicamente doenças neuronais, cansaço e fadigas em todos os aspectos da vida, ou seja, descobrindo que não é tão somente pelo esforço pessoal que as conquistas eram realizadas.

Analisando essa problemática, o contexto pós-pandêmico apenas intensifica e expõe uma sociedade já cansada desse desempenho, dessa autoexigência que os seres humanos se puseram e obedeceram como uma norma dentro da sociedade neoliberal, através desse aliciamento e da falsa promessa de que quanto mais eu consumo, mais me desempenho, mais sucesso terei, e que de fato só foi extenuado nesse período pós-pandêmico, onde o sujeito isolado, sem o contato comunicacional de antes, se vê esgotado de si.

Doenças neuronais como a depressão, é sintoma de uma sociedade que já vinha cansada e que a pandemia só a tornou mais evidente, pois a positividade pregada já não tem mais vez; o indivíduo se vê no limite, fracassa por culpa das exigências de rendimento que impõe a si mesmo e adocece. O sujeito forçado a render luta contra si mesmo e sucumbe por isso. E como resultado disso, foi a multiplicação de indivíduos desmotivados, sobrecarregados pelo hiperdesempenho das pressões internas geradas pelo próprio sujeito, reconhecendo o vazio existencial e como a positividade neoliberal é oca.

Para concluir, percebemos que o que restou ao ser no mundo pós-pandemia da covid-19 foi o reconhecimento de que a dor não é sinal de fraqueza e que o sucesso não se deve tão somente ao esforço pessoal e que a positividade propagada pelo neoliberalismo é meramente um remédio paliativo, donde quanto mais ele se exige mais ele sucumbirá as doenças neuronais,

pois ele não se comunica com a dor como ele deveria se comunicar. A dor, dirá Han, carrega a felicidade, pois é ela quem a felicidade da coisificação, se não houvesse a dor, não haveria rompimento para se quebrar e se transformar em uma felicidade pura.

REFERÊNCIAS:

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. In: Os recursos para o bom adestramento. 27.ed. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 1987. p. 195-202.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade Paliativa**: A dor hoje. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2021.

12- RELIGIÃO E LITERATURA EM DIÁLOGO NO “CHAMADO DE CTHULHU”, DE H. P. LOVECRAFT.

Hirlan Hermes Monteiro da Costa
Universidade do Estado do Pará
hirlan.costa@aluno.uepa.br

RESUMO:

Nos estudos em religião e literatura, ao menos no cenário brasileiro, a religião foi posta sob uma perspectiva predominantemente hermenêutica e surgiu o que Conceição apontou como uma domesticação das obras literárias. Nesse sentido, a presente pesquisa, ainda que não tenha a pretensão de superar definitivamente essa questão, tem como finalidade apontar uma das possibilidades em que a religião pode exercer um papel de protagonismo na estruturação do texto artístico, assim como destacar a notável influência dela na experiência estética do receptor. Em obras literárias fantásticas, a religião parece misturar seus elementos textuais, seja pelas figuras de linguagens ou pelas características narrativas, por exemplo, e parece gerar uma função específica nas obras, a qual nas obras do autor de horror cósmico, Howard Phillips Lovecraft, desdobra-se em uma experiência religiosa-ficcional na leitura.

PALAVRAS-CHAVE: Religião; Literatura; Lovecraft; Fantástico.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa parte das reflexões epistemológicas, realizadas pelos cientistas da religião Paulo Nogueira (2016) e Douglas Conceição (2021), sobre campo de estudos de Linguagens da Religião e dos estudos em Literatura. A partir disso, objetiva-se demonstrar uma das possibilidades em que a religião parece concorrer para a estruturação do texto artístico, desde sua confecção até sua recepção. Além disso, farei uma breve síntese sobre as relações entre arte e religião, com a finalidade de perceber as diversas significações e funções que elas transmitem e ressignificam, a depender do contexto e do receptor, e como a religião se expressa também gerando funções dentro das obras.

Nesse sentido, foi feita a análise da íntegra da obra intitulada “O Chamado de Cthulhu” (2019), produzida por Howard Phillips Lovecraft, em 1928, o qual é um autor de horror cósmico e de literatura fantástica, e as considerações que farei para esta obra também se estendem para as outras do Ciclo de Cthulhu, ou Mitos de Cthulhu, que são um conjunto de doze obras criadas pelo autor, cujo a primeira, supracitada, é a que introduz o universo literário. A aproximação de H. P. Lovecraft no campo de estudos de Religião e Literatura se mostra profícua pois existem vários elementos da linguagem religiosa que se expressam nos textos dele, a partir de um diálogo intralinguístico com a literatura fantástica, e penso que o autor se vale dessa linguagem como matéria-prima de suas literaturas.

MÉTODOS

Primeiramente, almejou-se realizar uma análise comparativa entre as duas linguagens, religião e literatura fantástica, na obra de Lovecraft, a partir de revisões bibliográficas de autores que discorrem sobre as características de ambas, com o intuito de notar o que induz o leitor a perceber o que induz a recepção a partir dessas categorias. Desse modo, foi possível observar como a literatura, comumente, vale-se da linguagem religiosa para atingir seus objetivos estéticos e para envolver o leitor em uma experiência singular de leitura.

Destaco a perspectiva de Nogueira (2015) que auxiliou na análise das obras de Lovecraft, nesta pesquisa, sendo essa a ideia da ficcionalidade da religião no texto literário. Para o primeiro autor, o leitor de uma obra literária constantemente reinterpreta e reimagina as situações expostas no texto, como se este estivesse inserido nesse evento. Isso caracteriza a ficcionalidade das obras e dá a elas uma experiência de algo “real”, enfatizado o caráter interpretativo, imaginativo e criativo delas.

A partir de Lotman (1977), percebemos que a linguagem artística, assim como a linguagem religiosa, é secundária em relação à língua natural, ou seja, é uma língua modelizante que se vale da língua natural como material de fabricação, criando superestruturas comunicacionais e funcionamento próprio a partir de uma língua natural. Nessa visão a arte possui função comunicacional inerente e outras funções atribuídas pelo receptor. Para discutir como se configuram as possíveis funções da obra de arte, resgatei as definições propostas por Mukarovsky (1988), que em uma tentativa de não ser reducionista, aponta para a pluralidade que pode existir dessas funções e com o agrupamento delas. Por exemplo, pensa que “a função mágica é, evidentemente, uma mistura da função prática com a função simbólica” (MUKAROVSKY, 1988, p. 107).

Posto isso, desde Loureiro (2007), sabemos que as funções dos textos, fatos culturais e das artes se reordenam assim que há a recepção dela em uma mudança de situação cultural e passagem a outro contexto, o que ele chama de Conversão Semiótica, a qual nos mostra que o processo de ressignificação de um objeto se dá a partir de sua recepção, quando se ocorre re-hierarquizações das funções contidas nele, de modo que uma delas se torna a dominante. Logo, pode-se pensar que esse processo de re-hierarquização acontece de diversas formas na cultura e na arte, e é possível que na literatura de Lovecraft a função estética, derivada da linguagem artístico-literária, dialogue com uma função religiosa-ficcional, proveniente da linguagem da religião, e ambas se expressam como estruturantes da obra.

Por fim, foi necessário revisar alguns autores que conceituam e discorrem sobre a

literatura fantástica, em que destaque Tzvetan Todorov (2008) e sua ideia de evanescência do gênero fantástico como principal articulador para a presente pesquisa. Nesse sentido, é possível considerar o fantástico como um gênero evanescente, ou seja, que na leitura dura apenas o momento de incerteza intelectual em relação aos elementos sobrenaturais e misteriosos, persistindo em uma parte ou em toda a obra.

RESULTADOS

A partir da análise da obra *O Chamado de Cthulhu*, valendo-me da articulação dos autores supramencionados e outros igualmente relevantes, percebi que a religião parece misturar seus elementos textuais com a linguagem literária fantástica, em que a recepção de uma linguagem religiosa na obra emerge e gera em uma experiência religiosa-ficcional na leitura. Essa experiência, mediada por uma função religiosa-ficcional, que se combina à estética, gera uma “iniciação ficcional” do leitor, que aprende a linguagem religiosa da obra, transfigurando qualitativamente o texto no momento da leitura.

Ainda, como pretendia Lovecraft (2020), o horror das obras parece também ter relação com a presença dessa função ligada à religião, o que pode ser comparado ao que Otto (2007) entende como *Mysterium Tremendum*, que, em síntese, significa que a atmosfera de horror da obra parte de uma experiência religiosa ficcional gerada pela leitura da obra. Outrossim, a interligação das doze obras do Ciclo de Cthulhu, do autor de horror cósmico, também indica influência da linguagem religiosa das obras que estrutura os significados nesse universo literário. Nessa análise, principalmente, a partir da perspectiva da Conversão Semiótica, pude perceber que a categoria religiosa, ou mesmo fantástica, não são inerentes à obra, ainda que o autor possa ter, intencionalmente, utilizado elementos textuais que induzissem a elas. Entretanto, parte-se sempre da relação entre a atribuição dada pelo receptor, tornando cada experiência singular, e essa intencionalidade do autor que, o caso de Lovecraft, parece ter utilizado a linguagem religiosa como matéria-prima de suas obras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao propor a presença da linguagem religiosa a partir de uma função específica que se expressa na obra, pretendi destacar a influência dela como igualmente estruturante na literatura, mas sem delimitá-la às características observadas na presente pesquisa, visto que é possível que em outras literaturas a religião também exerça uma função religiosa-ficcional, mas que pode expressar e enfatizar outros aspectos dessa experiência e linguagem, o que parece depender

tanto da intenção da produção artística, quanto das referências e contexto do receptor, em que vale destacar a teoria de Paes Loureiro como fundamental para evitar reducionismos ou não levar em conta os limites das interpretações nas análises de obras artísticas.

As características atribuídas às especificidades do gênero fantástico, como os elementos inexplicáveis e sobrenaturais, assim como o sentimento de incerteza intelectual, o horror e, inclusive, a evanescência do gênero, são atributos que podemos encontrar, também, nas linguagens da religião. Portanto, fica claro como a religião e a arte podem ser entendidas como hipersistemas linguísticos que são capazes de congregiar signos diversificados e enriquecê-los de sentidos.

REFERÊNCIAS

DA CONCEIÇÃO, Douglas Rodrigues. A presença da “religião” na literatura: uma questão de participação estética? **Estudos de Religião**, v. 35, n. 2, p. 161-180, 2021.

LOTMAN, Jurij. **The Structure of the Artistic Text**. Ann Arbor: University of Michigan, Department of Slavic Languages and Literatures, 1977.

LOUREIRO, João De Jesus Paes. **A conversão semiótica na arte e na cultura**. Belém, PA: Editora Universitária UFPA, 2007.

LOVECRAFT, Howard Phillips. **O chamado de Cthulhu e outras histórias**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2019.

_____. **O horror sobrenatural em literatura**. São Paulo, SP: Iluminuras, 2020.

MUKAROVSKY, Jan. **Escritos sobre estética e semiótica da arte**. Lisboa: Estampa, 1988.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. **Religião e linguagem: abordagens teóricas interdisciplinares**. São Paulo: Paulus, 2015.

_____. Religião e linguagem: proposta de articulação de um campo complexo. **HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 14, n. 42, p. 240-261, 2016.

OTTO, Rudolf. **O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional**. São Leopoldo, RS: Ed. Sinodal, 2007.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica: teoria da literatura**. Debates. São Paulo, SP: Editora Perspectiva, 2008.



